

**Relatório de Estágio apresentado para cumprimento dos requisitos necessários à
obtenção do grau de Mestre em Ciências da Comunicação - Comunicação e Artes
realizado sob a orientação científica da Professora Carla Baptista e do orientador de
Estágio Vasco Câmara**

Joana Filipa Sousa Sequeira

Outubro de 2018

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer a oportunidade que tive de estagiar, num jornal de referência em Portugal, e mais especificamente, no suplemento de cultura, Ípsilon, do qual tenho sido uma leitora assídua, durante muitos anos. Foi, sobretudo, um espaço de aprendizagem, o qual me munuiu, com ferramentas para fazer jornalismo.

Gostaria de agradecer também, á minha Orientadora do Relatório, a Professora Carla Batista, pela sua compreensão, calma, paciência em me indicar o melhor caminho, ajudando-me a polir arestas e a concentrar-me no importante. Agradeço também, ao meu Orientador de Estágio, o Editor do Ípsilon e Jornalista, Vasco Câmara, o qual, me esclareceu as minhas dúvidas e sempre me orientou para os resultados, e no sentido de concretizar um bom trabalho, e me ajudou a crescer em termos profissionais.

Importa também sublinhar, a ajuda que me foi concedida pelo Banco Santander Totta, o qual, me atribuiu uma bolsa de estudos de forma a eu poder ter terminado este grau de Mestrado.

Por último, quero agradecer às pessoas mais especiais da minha vida e mais próximas de mim, por me ajudarem, e darem-me força de forma a terminar este capítulo.

Relatório de Estágio realizado no Jornal PÚBLICO, no suplemento da cultura, Ípsilon

Reflexão sobre a forma como a cobertura jornalística está ou não sensível, para as questões emergentes da cultura

Joana Filipa Sousa Sequeira

Palavras-chave: media independente; media alternativa; activismo; artivismo; ípsilon; cultura; activismo artístico; sensibilidade; media; jornalismo cultural; Portugal.

RESUMO

O Relatório de Estágio presente, trata-se da descrição a nível diarístico e crítico de uma experiência de 3 meses no suplemento da cultura, Ípsilon, no Jornal PÚBLICO. Para além de descrever, em profundidade, toda a experiência prática a nível de trabalhos concretizados e análise crítica, e a própria caracterização e pensamento sobre o suplemento, prende-se também a explorar, ou a reflectir, sobre a questão da sensibilidade ou não, no que diz respeito à cobertura jornalística para as questões emergentes da cultura no suplemento em questão. A partir de uma experiência pessoal, como também partindo de um conjunto de leituras teóricas, reflexões, pensamento e testemunhos.

ÍNDICE

Introdução.....	4-5
Parte I - Diário da experiência na redacção do Público, no suplemento da cultura, Ípsilon	
1.1 - História do jornal Público e Ípsilon e pensamento sobre o suplemento - Testemunho de Vasco Câmara.....	6-14
1.2 - Experiência, obstáculos, aprendizagens, peças criadas.....	15-24
1.3 - Podemos afirmar que o Ípsilon é culturalmente intervencionista? Existe essa sensibilidade?.....	25-37
Parte II - Panorama do jornalismo cultural em Portugal	
2.1 - História, tendências da cultura no campo editorial.....	37-44
2.2 - Revistas especializadas com base em Portugal.....	44-48
2.3 - Testemunho de uma voz (redatora) do Jornal A Batalha....	48-51
Parte III - Sensibilidade nos media - imprensa (alternativa e independente) de carácter intervencionista	
3.1 - História e contexto dos media alternativos.....	51-54
3.2 - Exemplos de títulos portugueses “nas margens”.....	54-55
3.3 - Teorização para a criação de um modelo de “jornalismo sustentável” intervencionista em Portugal.....	55-58
Parte IV - Ativismo nos media	
4.1 - Significado do conceito “ativismo”.....	58-62
4.2 - Ativismo nos media internacionais.....	62-63
4.3 - Testemunhos de Miguel Januário e Stephen Duncombe....	63-66
Conclusões finais.....	67
Anexos.....	68-69
Referências Bibliográficas.....	70

INTRODUÇÃO

O presente relatório de estágio visa a descrever a experiência comprovada num dos meios de comunicação tradicionais de Portugal, Jornal PÚBLICO, que se estendeu num período de 3 meses (Março 2018 - Junho 2018), assim como explorar uma questão/problemática que se prende com a cobertura jornalística (e a sua sensibilidade) ou não, para questões emergentes da cultura. Questões que se prendem com temáticas que ascendem desde, a sensibilidade no Ípsilon, a um traçar do panorama do jornalismo cultural em Portugal, ao desenho dos media alternativo e independentes, passando pela cultura do “faz tu mesmo”, à exploração do conceito de ativismo, em forma de manifesto, testemunhos como também a sua presença na *media* internacional.

Passando por estes momentos, como também numa reflexão sobre a prática de um jornalismo sustentável, o qual procura os seus alicerces em ideais que vão de encontro ao jornalismo independente, este presente documento será dividido assim em quatro momentos. A primeira parte prende-se com a experiência a nível descritivo do estágio em questão onde, após a colecção de todos os materiais concretizados em ambiente de estágio e a organização de um sentido para os mesmos, será aqui adotado um tom mais diarístico e pessoal, numa tentativa ainda de cruzar essas mesmas escolhas num percurso inteligível, que corresponde também a uma visão particular do jornalismo cultural. Acrescenta-se aqui a recolha de outros materiais evidentes do tema da sensibilidade na cobertura jornalística, que decorrem de um período definido e a discussão dos mesmos. Assim como a história do suplemento em questão e a sua mudança.

Num segundo momento, este mais a nível teórico, a ideia é reflectir e traçar um panorama sobre a história do jornalismo cultural em Portugal, recorrendo também a exemplos de revistas especializadas na cultura e outros testemunhos. Num terceiro momento, pretende-se mais uma vez, trazer o tema da sensibilidade nos media, desta vez, associado a um modelo de imprensa alternativa pela introdução de conceitos gerais como o activismo nos media; a ideia de jornalismo independente e alternativo; o ativismo; a Internet/tecnologias de comunicação na disseminação de práticas ativistas; traços de democracia aliada à participação que a Internet possibilitou, em jeito da criação de um fórum social global. Culminando em

exemplos de títulos nacionais “nas margens” e numa reflexão para a criação de um modelo de jornalismo mais interventivo na sociedade, a ideia seria a construção de um novo modelo de jornalismo a ser implementado em Portugal, a criação de uma prática de “jornalismo sustentável”, independente e alternativo, que reflete de perto, os problemas das comunidades nacional e além fronteiras; trazer para a luz a discussão de assuntos que muitas vezes são deixados na sombra e sem destaque nos media tradicionais; um jornalismo que não se quer isento ao mesmo tempo que sabe a marcar a sua distância de afinidades políticas ou económicas, trocando a habitual imparcialidade por uma parcialidade saudável e responsável; que traz para o foro público questões que devem ser trabalhadas em profundidade. Onde não se preza pelo intelectualismo mas antes pela originalidade na discussão, disseminação e aprofundamento de questões urgentes da cultura do agora. E onde a solução para a sua sobrevivência poderia passar pelas subscrições dos respectivos leitores.

Num quarto e último momento, a discussão torna-se um pouco mais específica, com exemplos de ativismo nos media e nas vozes de dois autores. O seu significado, a sua presença na media internacional. Propõe-se uma apresentação de projetos (de foro internacional), que podem ler-se como ferramentas para a difusão e transmissão de uma mensagem, com um propósito.

PARTE I

Diário de uma experiência na redacção do PÚBLICO, no suplemento da cultura, Ípsilon

1.1 - História do jornal PÚBLICO e do suplemento Ípsilon

O diário de referência, PÚBLICO, foi fundado em 1990, pertence ao grupo SONAE, e conta com redacções no Porto e em Lisboa. A direcção geral esteve a cargo desde a sua fundação, de diferentes directores tais como, Vicente Jorge Silva, Francisco Sarsfield Cabral, Nicolau Santos, José Manuel Fernandes, Bárbara Reis, David Dinis e actualmente Manuel Carvalho, com os directores adjuntos, Amílcar Correia, Ana Sá Lopes, David Rocha e Tiago Luz Pedro. A sua linha editorial é assumidamente europeísta, uma posição política que favorece a integração europeia e a adesão à UE, “um jornal empenhado em promover os valores do seu estatuto editorial, no qual se consagra (...) a subscrição dos ideais de construção europeia e a certeza de que, como portugueses, fazemos parte de um mundo que nos influencia e no qual temos o dever de participar.”¹

Ainda, no estatuto editorial do PÚBLICO, pode ler-se que o “jornal pretende ser um meio de comunicação independente, inscrevendo-se numa tradição europeia do jornalismo exigente e de qualidade, recusando o sensacionalismo e a exploração mercantil de matéria informativa”, em que se afirma apenas responsável perante os leitores. O jornal considera ainda que manter a opinião pública bem informada é “condição fundamental para a democracia”. De forma a apostar numa informação diversificada, abrangendo os mais variados campos de actividade e correspondendo às motivações e interesses de um público plural, o PÚBLICO conta com nove secções principais: política, sociedade, economia, mundo, online, local, cultura, desporto, ciências, tecnologia, opinião, multimédia e podcasts. A nível de suplementos, destaca-se o suplemento cultural, Ípsilon com periodicidade semanal à Sexta-feira, o suplemento de viagens e lazer Fugas ao Sábado, o suplemento P2 ao Domingo, e o humorístico Inimigo Público. Em Novembro de 2016, surgiu o suplemento Culto, dedicado sobretudo ao lifestyle. O suplemento Ípsilon, no qual nos vamos debruçar com maior intensidade, existe desde 2007 e reúne os anteriores suplementos culturais que o jornal teve ao longo dos tempos, como o mil folhas, o y e sons.

¹- Carvalho, Manuel; Correia, Amílcar; Lopes, Ana Sá; Pontes, David; Pedro, Tiago Luz (16 de agosto de 2018). [«Os compromissos da Direcção Editorial»](#). *Público*.

Segundo o livro de estilo do diário, o PÚBLICO tem como referência os jornais norte-americanos como o The New York Times e o The Washington Post, bem como os diários El País (Espanha), La Republica (Itália) e Le Monde (França), ainda que também se apontem referências de jornais britânicos como, The Guardian e The Independent os quais são igualmente consultados, sobretudo em versão digital. O PÚBLICO integrou-se em 1991 na World Media Network; em 1995 criou o site oficial, em que se pode aceder a um número limite de artigos gratuitos, ou a todos os conteúdos através do pagamento da assinatura. Como se pode comprovar novamente pelo seu estatuto editorial, o jornal pretende estar “em sintonia com o processo de mudanças tecnológicas e de civilização no espaço público contemporâneo.”

Começando pela história dos primórdios dos suplementos culturais do diário PÚBLICO, destacamos o Artes, o Sons e o Leituras. Todos eles operaram entre 1996 e 2000 e cada um era destinado a um campo específico da cultura. O **Artes**, dedicava-se a temas relacionados com o cinema, literatura, teatro, exposições, música clássica, concertos de música pop e outros temas da actualidade como fotografia, pintura, escultura e dança. Incluía entrevistas, reportagens, crítica de livros, de espectáculos e de filmes. O suplemento **Sons**, dedicado à música, entre 1996 e 2000, começou por sair aos Sábados, em conjunto com o suplemento **Leituras** que se chamava “**Leituras & Sons**“. A parte relativa ao Sons era de apenas 2 ou 3 páginas: música erudita e jazz. Em 1999, manteve o nome mas autonomizou-se. Passou a caderno com 12 Páginas e saía à 6ª feira com o suplemento **Artes**. Exclusivamente dedicado à música, mas alarga-se no âmbito de outros géneros como o Pop, Rock. O Leituras era o suplemento literário por excelência, inteiramente dedicado a livros, literatura, autores, editores, com muitas recensões e críticas de livros. Publicou-se entre Maio de 1996 e Novembro de 2000, ano em que foi absorvido pelo **Milfolhas** (que por sua vez durou até 2007).

Seguiu-se o Milfolhas e o Ypsilon, o suplemento **Milfolhas** surge no final do ano 2000 em substituição dos dois suplementos **Sons** e **Leituras** e mantém-se até Fevereiro de 2007. Saía ao Sábado até 2006 e depois à 6ª feira com o **Y (ypsilon)**. Continuando o destaque do jornal para o tema da literatura, o Milfolhas assume esse papel, onde a literatura é o tema forte deste suplemento, a par das artes, teatro e música clássica. Em substituição do Sons, o Y (ypsilon) é o suplemento dedicado aos temas de música, cinema, audiovisuais e novas tecnologias.

O suplemento mantém o seu programa editorial até 2007, ano em que dá origem ao **Ípsilon** que se torna o único suplemento de cultura do Público, até à actualidade. Estreando-se no ano de 2001, ainda com a designação Y, é em Fevereiro de 2007 que assume o nome actual. Com periodicidade semanal, sai sempre às Sextas-feiras, acompanhando o primeiro caderno, e abrange tanto eventos de música e cinema, como também artes de espectáculo e literatura. Nota-se que a par da objetividade factual sobre os acontecimentos, existe também uma forma mais livre de escrita que aponta para a subjectividade. Composto por cerca de 35 páginas, divide-se entre secções como: flash, música, cinema, exposições, literatura, que surgem em todos os números do suplemento e ainda segmentos, como a crónica, dvd's, opinião. Estes últimos e a sua “regularidade” dependem de factores como, o facto dos acontecimentos destacados se enquadrarem ou não em alguma das categorias mencionadas.

O Ípsilon é iniciado com um breve sumário, uma grelha informativa que planeia os principais tópicos a abordar. Logo nas primeiras páginas, podemos consultar o segmento/secção, Flash, dedicado essencialmente a rápidas e breves notícias, acompanhadas na grande maioria das vezes por imagens ilustrativas. No fundo, são histórias, sobre algo que vai acontecer num futuro próximo, ou que acabou de acontecer num tempo próximo da actualidade. De carácter breve, o Ípsilon reserva-lhe duas páginas com espaço para imagens. Ainda que sejam peças que se inserem nesta categoria “Flash”, não se caracterizam como apenas uma notícia rápida de um evento, como se poderia assistir noutros títulos mais generalistas, aqui, ainda que a peça adopte um teor de divulgação, não deixa de ser devidamente contextualizada, e ainda que respeite o lead sempre presente, não é por isso que é escrita de forma crua, estando sempre presente uma forma livre de escrita, com pontos de ligação com outros acontecimentos ou autores, por parte do jornalista.

A partir da quarta página, o Ípsilon, começa na grande maioria das vezes por desenvolver o tema que faz capa do suplemento. A abordagem desse tema é levado a cabo através da utilização do texto corrido, onde algumas das citações dos entrevistados que o jornalista ache relevantes para o assunto, dando-lhes assim destaque, surgem entre aspas em letras de maior dimensão em caixas de texto entre o texto corrido e as imagens.

A adopção do modo entrevista pelo modo “pergunta-resposta” é também utilizado, mas a frequência maioritária recai sobre o modo entrevista em texto corrido.

Há um determinado padrão a nível dos colaboradores quando a capa do suplemento é dedicada a manifestações do âmbito musical, por exemplo, há dois nomes que surgem destacados: Mário Lopes e Vítor Belanciano. Por norma, quando o tema de capa é relacionado com Música, este será o tema a ser tratado nas páginas centrais do suplemento, a não ser que o tema da capa seja outro.

É de salientar que, nenhum dos textos ou temas se encontram dentro de qualquer secção; depois das duas primeiras páginas do suplemento, os temas desenrolam-se, ganham vida de forma aleatória, não se assiste portanto a textos, temas dentro de quaisquer gavetas, adoptando assim este suplemento, o factor “surpresa”, o leitor nunca sabe o que as próximas páginas contêm. Outros jornalistas também assinam textos, entrevistas a músicos, como Nuno Pacheco, Francisco Noronha, Mariana Duarte, com peças também no âmbito da Dança e do Teatro, e Gonçalo Frota, que é também autor de peças no campo do Teatro.

Começamos precisamente pela música pois é um dos temas com mais expressão nas páginas do Ípsilon. Sublinha-se que as respectivas peças, como as reportagens e as entrevistas sobre os diversos temas seguem-se de forma natural e não catalogada. Segue-se a categoria Cinema, onde os jornalistas responsáveis pelos textos são, Vasco Câmara (Editor do Ípsilon), Jorge Mourinha, e Luís Miguel Oliveira. Na secção da Literatura, as protagonistas são as jornalistas Isabel Coutinho (Editora da Cultura) e Isabel Lucas. No campo das exposições e das artes, conta-se com Isabel Salema, Lucinda Canelas e José Marmeleira. Na secção da Televisão, temos a presença de Joana Amaral Cardoso e Rodrigo Nogueira, este último que por vezes escreve também sobre Música.

No fundo, existe uma espécie de padrão e uma especialidade entre os vários colaboradores, os tópicos e os temas misturam-se de folha para folha, passando de textos sobre teatro, para na página imediatamente a seguir, se escrever sobre cinema e depois falar sobre literatura. Não existe, portanto, uma ordem fixa, o que realça a estrutura liberal e aleatória do suplemento, como já foi apontado acima. A crítica de cinema tem uma expressão quase sempre nas últimas páginas do suplemento, com o sistema de pontuação por estrelas, ou por vezes, em contexto de entrevista ou reportagem no meio do Ípsilon, num texto paralelo inserido nessa mesma peça.

Ainda em relação às últimas páginas do suplemento, estas são as únicas que são efectivamente “catalogadas” em distintas categoria ou temas.

No início de cada uma destas mesmas páginas, é dado um nome à respectiva secção que é abordada: Livros, Discos, Cinema, Exposições. Esta mesma diferenciação surge quase sempre no final do suplemento, e é utilizada para demarcar os diferentes temas.

Todavia, a estruturação destas pequenas secções realça a forma reduzida das mesmas, para cada uma destas secções, são dedicados apenas uma ou duas páginas com informações da sinopse, acompanhadas por imagens da representação artística. Estas últimas páginas funcionam essencialmente como agenda cultural, auxiliada por sinopses bem estruturadas e com informação suficiente para que o leitor fique com a percepção clara de cada uma delas. De referir também que estes mesmos segmentos não seguem uma ordem fixa, a forma como saem no suplemento é muitas vezes alterada. O Ípsilon, não organiza as suas peças, textos e entrevistas, por secções. Se por um lado, este facto torna o suplemento mais dinâmico, adoptando este “elemento surpresa” como já foi referido acima, na medida em que o leitor não sabe o que vais encontrar na página seguinte, por outro lado também corre o risco de o tornar um pouco confuso e desorganizado para um determinado público, uma vez que o leitor não pode direccionar o seu interesse para uma área ou secção específica que prefere, tendo que desfolhar todas as páginas até chegar ao tema que lhe desperte mais interesse.

Em relação a textos de carácter opinativo, próximos da crítica, esses costumam estar presentes nas últimas páginas do suplemento, normalmente relacionado com lançamento de novos discos ou livros, como também por vezes, a crítica de exposições ou peças de teatro e dança. No que toca ao “factor publicidade” no Ípsilon, este raramente dá destaque de uma folha inteira para a dita publicidade, optando por uma técnica mais discreta de meia página ou mesmo de preenchimento de espaços. E mesmo assim, a publicidade que protagoniza nas suas páginas é circunscrita a entidades culturais, não existindo o hábito de dar preferência a grandes corporações ou marcas internacionais. Assim, a publicidade nas páginas do Ípsilon costuma ficar a cargo de entidades como: Fundação Calouste Gulbenkian, Teatro Nacional São Carlos, Casa da Música, para enumerar alguns exemplos.

No que toca à linha editorial, e partindo do método da observação e análise, o Ípsilon parece reger-se por uma linha muito singular, onde o grande investimento cultural desta publicação parece recair especialmente sobre duas editoriais: Música e Cinema, não deixando de ser abrangente no seu espectro cultural.

Todavia, parece haver uma certa preferência ao tema da Música pelo destaque dado ao universo discográfico, novos lançamentos de trabalhos de músicos a solo ou bandas, por exemplo, entrevistas, reportagens, o tema dos Festivais do Verão. A nível de crónica é praticamente inexistente. No Ípsilon, existe claramente um destaque dado a figuras do mundo das artes internacionais, como também assume e retrata figuras da esfera cultural portuguesa, nomeadamente músicos.

Em termos de pensamento sobre este suplemento, actualmente o único que se dedica inteiramente ao tratamento da cultura, este distingue-se em grande escala da forma e do espaço que é dado à cultura noutros títulos de jornais generalistas, pois aborda não só a cultura de um ponto de vista jornalístico, como ao mesmo tempo instiga no leitor a capacidade de reflectir e questionar o mundo à sua volta. Pela via da adopção de uma perspectiva crítica, livre, um posicionamento forte do jornalista face ao tema em questão, o que resulta em textos que não se manifestam de forma crua, de carácter apenas noticioso, distante. Aqui, neste suplemento, os temas ganham vida, vitalidade.

Isto, de acordo com um panorama editorial (e não só) onde se tem vindo a assistir a um desincentivo na área da cultura. Existe para alguns, aquela noção de que a cultura é uma actividade lúdica, apenas de lazer, ócio e entretenimento, que assume a pura e restrita função de anunciar quais os próximos eventos, concertos, exposições, peças de teatro e por isso, susceptível de ser removida e diminuída de toda a sua componente crítica, quando na verdade a cultura significa expressão, assenta na individualidade de uma comunidade, de um país, traduz um conjunto de valores, saberes, tradições, costumes.

Seja nos títulos de jornais generalistas, entre os de referência e os mais populares, a cultura parece assumir cada vez menos expressão, comparativamente a temas como o Desporto, Sociedade ou Política. Isto reflecte-se pelos níveis de importância que é cedido à cultura, fazendo pensar que se lhe fosse dada mais importância em termos de capital, seja pelos media, cidadãos ou mesmo pelos governantes do país, a nação em questão, Portugal, seria mais rico, diversificado, esclarecido. Pois, a cultura continua a ser um dos pilares da democracia.

Segundo o estudo publicado no livro, “A Cultura na Primeira Página”, é de referir que em 2010, o Ípsilon e o Actual eram os únicos suplementos de cultura em, num claro contraste do que acontecia no princípio da década, com um panorama mais rico e diversificado, composto por seis títulos semanais, já mencionados acima, o Sons, Leituras, Artes no diário

PÚBLICO; DNA e DNMAIS no Diário de Notícias e o Cartaz no Expresso.² Na actualidade, o Ípsilon parece ser o único suplemento que resistiu, que ainda opera, o único suporte em papel a nível nacional que traz não só a novidade cultural como ao mesmo tempo mantém uma abordagem crítica aos temas em que se debruça.

Em termos visuais, mais especificamente no que toca à capa do Ípsilon, é na maior parte dos casos, uma composição em torno de uma fotografia, que reveste toda a página, com um título, legenda com identificação do fotografado. Existindo um, “destaque para o particular face ao geral, uma criação de ídolos e de modas”³ Onde, a tendência é serem publicados artistas portugueses, seguidos dos americanos e dos europeus com lugar mais discreto para os lusófonos, por exemplo, escritores portugueses, realizadores de cinema e músicos americanos; os ingleses e franceses que se inserem na categoria dos europeus são normalmente cineastas e escritores.⁴

“À primeira página dos suplementos chegam sobretudo os autores mais reconhecidos seja por anos de actividade, consagrados por prémios, mais amados em listas de popularidade ou de *best sellers*, e os clássicos, celebrizados em efemeridades, onde a atenção especial que lhes é dada, é outra forma de celebração e reificação. Contudo, verifica-se alguma falta de espaço para o novo, para os novos autores, para os que não se integram facilmente na trindade temática, cinema, música e literatura, como para os artistas de países fora dos circuitos das grandes indústrias culturais.”⁵

“Podemos confirmar que os suplementos culturais destacam, ampliam, reforçam os temas e as figuras lançadas pela indústria, seja no cinema, música ou na literatura, os quais constroem o seu programa editorial em estreita ligação com a agenda dos eventos de maior capacidade de captação de público.”

Assistindo-se ao mesmo tempo ao domínio do autor na capa dos suplementos, como ícone de uma cultura mais propensa à criação de ídolos e marcas. O que nos leva a concluir que, em relação ao suplemento de cultura Ípsilon, o foco das notícias é centrado na figura dos autores; as grandes áreas que dominam a actividade são o cinema, a música e a literatura; há um registo de mais reportagens e entrevistas do que crítica e ensaio; e um, destaque para os

² BAPTISTA, Carla (coordenadora): “Cultura na Primeira Página: O Lugar da Cultura no Jornalismo Contemporâneo - Caderno de Reflexões”. Editora Mariposa Azul, Lisboa, 2014. p. 81;

³- Ibidem, p. 85;

⁴- Ibidem, p. 86;

⁵- Ibidem, p. 89.

autores portugueses, americanos e europeus, com pouco espaço para o novo, diferente, inesperado, pois não existe a possibilidade ou espaço para submissões por parte do artista. Sendo que a maioria das peças realizadas são acordadas segundo uma agenda editorial.

No Ípsilon, a indústria cinematográfica e a discográfica ocupam de forma evidente um papel mais preponderante e muitas vezes de destaque, quer seja nas capas do suplemento, como no número de artigos que lhes são dedicados ao longo da publicação. Ocorrendo o facto de muitas vezes, no suplemento, ler-se muito sobre “produtos” como discos ou filmes quando chegam ao mercado, ou mesmo antes da sua chegada já estarmos a ler sobre os mesmos, em jeito de divulgação ou para fins promocionais, mas nem sempre se assiste à leitura desses mesmos “produtos”, depois destes terem uma “carreira”, deixando de refletir sobre o que estes significaram para o público.

Fazendo aqui um paralelismo com os jornais generalistas, os quais na sua grande maioria estão associados ao puro e breve acto de informar e divulgar, descurando a interpretação e reflexão, volta-se a salientar que isso não é ocorrente, não é hábito no Ípsilon, mesmo apesar de este também se reger por uma lógica de mercado. Esta mesma lógica de mercado, a qual obedece às leis da compra e venda, é mais nítida em outros títulos, ou por vezes na secção da cultura do primeiro caderno, onde se divulgam as obras, não aprofundando o impacto que estas podem ganhar junto do público. Facto que não acontece necessariamente no Ípsilon, pois este, por norma tende a desenvolver as suas peças escritas, mesmo na secção Flash, a que inicia o suplemento, havendo sempre o cuidado e o rigor, de dar o respectivo contexto de contar uma história, e não apenas como mera divulgação de um dado evento.

Sendo que, essa lógica, observa-se e é adoptada com mais regularidade no Ípsilon em formato online, do qual consta notícias diárias, que chegam por canais de informação como a Agência Lusa, por exemplo. Em jeito de complementar o pensamento e maneira como o Ípsilon foi mudando ao longo do tempo, na sua organização e estrutura, foi recolhido um testemunho do editor do suplemento, Vasco Câmara, o qual respondeu a algumas questões. Relativamente à forma como este se foi metamorfoseando, por assim dizer, “basicamente, o formato do Ípsilon hoje é o mesmo, do que quando se chamava Y, essa ideia de que é um suplemento sobre consumo de cultura, esse pensar sobre cultura, a ideia de que está ligado àquilo que as pessoas vão fazer nessa semana, está desde o início do jornal. Ou seja, é de 1999.”

Mas o país de 1999 não é o mesmo de agora, sendo que o suplemento acompanhou também essa mudança e mudou ele mesmo com ela, “continua a existir um lado clássico do suplemento, é a sua força, como pode ser o seu limite, mas no fundo, é o mesmo suplemento, noutro formato.” A nível da tal mudança, “se calhar antes, havia uma consciência, uma crença maior, no sentido do que as pessoas depositavam nos jornais (...) a tarefa de um jornal é de certo modo, propor uma narrativa no meio da abundância da informação. Quanto mais eu navego pelas redes sociais, mais me convenço de que os jornais são necessários, podendo ser em papel ou não”, diz. “Antes, os jornais falavam sempre primeiro que os consumidores, hoje isso é impossível, mas isso não significa que os jornais deixaram de ser úteis. Acho que chegamos, enquanto jornal, para tentar contextualizar o que é este novo disco, ou este novo filme, ou este novo livro, é uma espécie de ponto cardeal”, continuando, “acho que é isso que os jornais devem ser hoje, é tentar incluir determinado objecto num pensamento, e o Ípsilon vai-se adequando a isto, nós redacção vamos fazendo e vamos percebendo o que fazer de diferente comparativamente há 10 ou 20 anos atrás. Mas, a base, continua a ser o modelo clássico.”

Em relação à esperança relativamente ao papel, Vasco, acredita que “há consumidores que vão sempre querer comprar o suplemento no suporte impresso... acho que descobrir um texto, ou descobrir um livro, ou descobrir um filme através do papel, com a questão do grafismo, é uma viagem completamente diferente do que a sua consulta possibilitada apenas através do online. Acho que há uma relação mais sensual, a nível do pensamento, e acho que essa apetência existirá sempre.”

E quanto à tarefa do Ípsilon, em ser o grande suplemento de cultura que se baseia na novidade cultural, existe também espaço para a sensibilização para questões emergentes da cultura?, Vasco começa por falar-nos sobre dimensão do próprio suplemento dizendo que, “os jornais hoje, têm equipas muito mais pequenas do que há 10 anos atrás, ou há 20 anos, este jornal em particular, tinha um suplemento todos os dias, desde os videojogos à tecnologia, esse mundo já não existe. O PÚBLICO nessa altura já era um jornal completamente utópico, não havia nada igual, em Portugal. Há cada vez menos suplementos culturais, mesmo em França, e portanto, nós vamos resistindo. Não temos capacidade como tínhamos há 20 anos, equipas gigantes, com um número de páginas que ascendia às 70, cheias de histórias, era o triplo disto (...) no fundo, a ideia é essa, tentar falar nas coisas pensando nelas, não apenas divulgá-las. É a única maneira.”

Voltando ao “foro da sensibilidade”, Vasco diz-nos que, “acontece de forma natural, não há nenhuma agenda adjacente. Há, no sentido em que somos sensíveis às questões, somos curiosos, elas invadem-nos e depois isso é devolvido nos textos, agora, não temos uma agenda política, social, interessa-nos enquanto cidadãos, interessa-nos questionar, agora, os jornais não são como as redes sociais, não é uma parede onde se desabafa, é antes, uma reflexão sobre as coisas.” Mas, onde é que se insere o Ípsilon no panorama nacional? “O Ípsilon é outra coisa, é distinto, é um suplemento generalista, o que faz com que as histórias tenham um apelo mais abrangente. Interessa que mesmo que não tenhas visto aquele filme, ao leres aquela história, essa mesma desperte interesse em ti, toca-te. Não nos focamos apenas num ou dois mundos, apenas quero que uma parte do mundo esteja aqui, que quando olhas para trás para um nº do Ípsilon, há dois anos, percebas o que era o mundo”, conclui.

1.2 - Experiência, obstáculos, aprendizagens, peças criadas

A realização do respetivo Estágio Curricular realizado no suplemento cultural semanal das artes e da cultura - Ípsilon. Tendo sido já descrito acima a história deste suplemento, assim como a sua caracterização, modo de organização e inserido no contexto português, importa agora evidenciar aqui a experiência em questão, com todos os factores que a compuseram.

As instalações do jornal são localizadas numa espécie de *open space* em Alcântara, onde assistimos a um espaço dividido pelas respectivas secções, parecendo não existir hierarquização de lugares, o que oferece uma democratização ao espaço em si. No fundo, a novidade do Ípsilon é ser um contador de histórias, menos preso à lógica da notícias, que quebra um bocado com essa parte mais noticiosa e crua do primeiro caderno.

Em termos de trabalhos que acompanhei, devo dizer que tirando três exemplos, o resto foi tudo realizado consoante temas que sugeri ao meu Editor, Vasco Câmara. Recorrendo a motores de busca como o Feedly, diariamente, seleccionava temas, histórias, notícias, que achasse que se aproximavam do meu tema de trabalho, isto é, relacionado com a cultura, e tendo esse motor como base, enviava as sugestões que se mostravam adequadas

para o meu orientador em local de estágio, e caso algumas das ideias fosse aceite, debruçava-me no tema e a partir daí, construía a peça.

Fazendo uso, ao mesmo tempo, de outras plataformas que se focaram mais no espectro nacional. No que toca à natureza dos trabalhos concretizados, e seguindo uma ordem cronológica, a minha primeira peça foi sobre um evento que iria acontecer em Lisboa aquando do Festival Feminista em Lisboa (Março 2018), relativamente à feira de zines, ***Zines R' Us***, que se prende precisamente com o tema das publicações independentes, da esfera DIY, (faz tu mesmo), uma noção próxima da problemática em estudo, na secção FLASH. Ainda na mesma secção, seguiu-se uma pequena notícia sobre a abertura do ***Museu - Queer Britain - em 2021***, notícia que se prendia com questões do foro LGBTQ+, de carácter ativista, no sentido em que há um esforço para preservar uma história, uma identidade de uma comunidade, que durante muito tempo fora marginalizada pela sociedade;

seguiu-se a realização de uma peça, desta vez, recorrendo à técnica da entrevista, sobre um Festival de Cinema de filmes curdos, em Lisboa - ***O Curdistão chega a Lisboa***- onde foi abordado (a partir de uma entrevista com o organizador), o conceito, as motivações por detrás do projeto, e a programação do evento. Esta última peça, ao contrário, das duas anteriores, foi realizada a pedido do meu Editor, e acima de tudo, visava dar a conhecer não só de traços da cultura curda e as suas tradições, como também, o facto de trazer um festival deste género, para uma cidade europeia, e dar igualmente a conhecer um povo, que outrora, parece não ter muita visibilidade nos veículos/meios culturais, artísticos, assim como nos meios de comunicação generalista. Foi assim, uma peça que sublinha a existência de uma das várias minorias espalhadas pelo mundo, e nesse sentido, teve também o seu carácter activista, de certo modo.

Segue-se um artigo que fiz, (também por iniciativa própria) e consequente aprovação, com o seguinte título: ***Rock in Riot - música e descontentamento contra a gentrificação em Lisboa***, não sendo uma peça exclusivamente sobre o foro artístico mas ligada à Música, foi algo que no tempo em questão, achei urgente falar sobre, e que se prende com uma questão que se tornou até “popular”, que é a questão da especulação imobiliária em cidades como Lisboa, e o facto de esta cidade se ter tornado avassaladoramente turística, o qual contribuiu para todo um aumento de rendas, e a consequente insustentabilidade de muitos moradores de se adaptarem a novos contratos, resultando em momentos de despejo, também já noticiado,

assim como lojas que fazem parte da identidade da cidade, comércio tradicional, alfarrabistas que também têm vindo a fechar portas, em episódios sucessivos. Uma peça que divulga o descontentamento generalizado de moradores e habitantes da cidade.

Esta manifestação, organizada pela comunidade - *Rock in Riot* - aliou concertos de música e protesto. Apesar do artigo ter sofrido alterações, não deixou de ter o seu cunho intervencionista, de forma a espalhar a palavra, para que o evento tivesse a maior visibilidade possível nos media e uma forte adesão. O desejo por detrás dessa mesma peça era esse mesmo, um apelo à reflexão, ao questionamento da realidade local.

De seguida, (e, novamente por iniciativa própria), partindo do meu recurso incessante, diário, à plataforma Feedly, decidi propor ao meu Editor, fazer um FLASH sobre um novo livro lançado pelo artista multidisciplinar, Wolfgang Tillmans, cujo título se pode ler como: ***Wolfgang Tillmans explora a verdade em novo livro.***

Este último, também com algum teor activista, mas sublime, e mais intelectualizado, no sentido em que é um livro, que pretende dissecar o conceito de “verdade” nos tempos que decorrem, que pode ser visto como, “comida para pensamento”, o qual a partir de técnicas como a assemblage, e várias entrevistas realizadas a ativistas, cientistas, académicos, políticos, artistas, tenta chegar a nós, em jeito de prova visual dos nossos tempos. Um projecto cerebral, mais do que emoção estética, num mundo que questiona permanentemente a “verdade” das coisas.

Voltando à esfera nacional, o próximo trabalho realizado foi precisamente aquando de um evento realizado em Lisboa, entitulado como, ***Nasty Women Exhibition Portugal***, que parte de um movimento que já existe à escala global, “Nasty Women Exhibition”, uma exposição organizada em torno da arte, música, e a temática do feminismo, baseando-se na salvaguarda dos direitos fundamentais das mulheres, na luta pela igualdade e a garantia de valores como a dignidade e a liberdade de expressão. Assim como a maior parte das peças realizadas, esta também adquire o seu cunho ativista e ideológico, e, serviu acima de tudo para dar voz a esse mesmo evento, ao realçar e sublinhar a importância de tais questões, tentando que chegasse ao maior número de pessoas possível, por via da escrita e da partilha.

Seguiu-se a escrita de um artigo, desta vez, a pedido da Editora da secção da Cultura do jornal, Isabel Coutinho, cujo título se pode ler como, ***UmbigoLAB, a nova rede social***

exclusiva para artistas, a qual se define por ser uma plataforma que permite um processo de networking entre curadores e artistas, para além de se revelar como um espaço de exposição, reflexão sobre a contemporaneidade e a modernidade. Uma proposta que fora levada a cabo pelas mesmas pessoas que fundaram a revista *Umbigo* (2002), que alia precisamente a arte, a cultura e a moda, em território luso como a nível internacional, como veremos mais à frente.

De seguida, realizei em conjunto com a jornalista, Isabel Salema, um texto cujo título se pode ler: *Á terceira edição, a ARCOLisboa já tem a sua feira-satélite*, que remete precisamente para o mundo e (mercado) da arte contemporânea, e a realização de uma das maiores feiras de arte, em território luso, onde a novidade reside precisamente nessas feira-satélites que surgem como acontecimentos a decorrer em simultâneo com o grande evento, que é precisamente, a ARCOLisboa. Ao mesmo tempo, e dentro do mesmo tema, realizei um artigo, intitulado como, *Há novas galerias em Lisboa, mas nem todas estão na JustLx*, que é precisamente e mais aproximado, desta mesma feira-satélite, que fora realizada, em Maio, e do factor novidade de algumas galerias de arte que abriram portas, mais recentemente, em Lisboa. Esta última peça, ao contrário de outros exemplos, foi realizada a pedido da Jornalista Isabel Salema.

Por último, em termos de peças escritas publicadas, e por sugestão minha e consequente aprovação, fiz uma reportagem no Porto, cujo título se pode ler, *O Bergado e a Terebentina juntaram-se para fazer coisas no Porto*. A natureza deste tema, prende-se com um colectivo de estudantes provenientes da Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto, e muito ligado à lógica do “faz tu mesmo”, da cultura DIY (do it yourself), que em linhas gerais, formaram um colectivo artístico e também uma banda. Achei interessante falar com os responsáveis de ambos os projetos, assim como visitar o seu atelier e assistir a um concerto que realizaram no espaço CCC (Centro Comercial Cedofeita) no Porto. Com o meu artigo, tentar-lhes dar alguma visibilidade, notoriedade, no espectro cultural e musical português. Tanto como artistas visuais e como músicos. Aqui, e mesmo sendo uma ideia da minha autoria, não se pode dizer que foi com um cunho ativista, porque não há propriamente uma mensagem que gostaria de passar para o público, mas antes, jogar com conceitos como a colaboração, a entreajuda, o trabalho em comunidade, dando voz a estes pequenos grupos artísticos que se vão criando, de forma independente. Dar voz a este núcleo de arte *underground* a acontecer na cidade do Porto.

Para além de todas as peças produzidas, é de salientar, que a maioria destas foram sugeridas por mim, e que parte das sugestões foram aceites, assim como houve outras propostas que foram rejeitadas. Ainda, realizei uma peça que, foi basicamente uma entrevista que fiz a um artista colombiano, e que a transformei num artigo, de forma a sair pouco antes do final do mês de Maio de 2018, aquando das eleições na Colômbia, mas que, por razões alheias ao meu saber, o artigo nunca foi publicado, mesmo depois de enviado, e a aguardar algum tipo de resposta da editora da Cultura. Desde o início, que as minhas preocupações e a minha motivação máxima para escrever, se prendeu com questões do ativismo, e nesse sentido canalizei as minhas opções e sugestões, para produção de peças.

Existiu desde o início, da minha parte, uma vontade em produzir textos no foro da cultura, que tivessem uma mensagem por trás. Autores, artistas, obras, acontecimentos com base em Portugal com esse mesmo cunho de “cultura útil”, quer no território internacional, assim como, textos próximos de assuntos da comunidade, agindo deste modo de uma perspectiva de jornalismo local. No fundo, ser uma voz, espalhar a palavra relativamente a assuntos emergentes, questões fracturantes, quer na esfera dos feminismos, como ligados à temática da igualdade de género ou até mesmos questões de identidade e comunidade LGBTQI, por exemplo.

Como estamos a falar de um Estágio Curricular que fora realizado no âmbito do Jornalismo e das Ciências da Comunicação, pode-se dizer que a nível de tarefas concretas, estas baseiam-se na pesquisa, investigação e na escrita, a partir de técnicas ou ferramentas como a entrevista e a reportagem. Por isso, para além da pesquisa, da recolha de dados e informações sobre os diferentes eventos ou temas, existiu sempre a parte prática que é precisamente, as entrevistas com pessoas intervenientes desses mesmos projetos. Muitos dos contactos estabelecidos foram feitos via telefone, outros via e-mail, e outros presencialmente, pela técnica da entrevista.

Em todas as tarefas, sejam aquelas que me propus a trabalhar a partir de uma selecção de notícias, partindo da minha pesquisa assídua na plataforma já mencionada acima, o trabalho realizado era esse, que volto a reforçar: procura, selecção, recolha, escrita, construção de texto, entrevista. Em todas as tarefas, houve naturalmente um prazo a cumprir,

pelo que enviava para o backoffice, os textos eram revistos, e depois editados em conjunto, comigo e com o Editor em questão.

Os problemas que possam ter surgido, na construção e realização das peças escritas, não são tanto a nível teórico, como o são a nível metodológico. Para explicar alguns dos problemas que surgiram, convém sublinhar um facto que importa para este caso que é, a minha Licenciatura não é propriamente em Jornalismo ou Comunicação Social, mas sim em, História de Arte. No entanto, mais tarde, depois de perceber que gostaria de fazer jornalismo, mas não tão convencional, é que optei pelo Mestrado em Ciências da Comunicação, e daí ter conseguido estagiar no Ípsilon.

Ou seja, por falta de algumas competências a nível técnico, de modos de fazer jornalismo, (embora já na altura do Estágio em questão, tivesse realizado outras peças para outras publicações), é que tive que me debater com alguns problemas a nível de método. Problemas estes, que foram ultrapassados, consoante as aprendizagens que pude retirar deste Estágio, sob a correcção por parte de Vasco Câmara, Isabel Salema, Inês Nadais e também por parte da Isabel Coutinho. Obstáculos que se fizeram sentir relativamente à construção de texto jornalístico, por exemplo, por ter mais familiaridade com a escrita a nível académico, mas ao mesmo tempo, obstáculos que são ultrapassados com aprendizagem por parte de um núcleo tão experiente de jornalistas com os quais tive oportunidade de lidar, e pela prática inerente de continuar a produzir e a escrever.

Algumas dessas mesmas aprendizagens, passam por coisas simples, mas fulcrais no Jornalismo, que é a construção de leads, o responder às questões iniciais mais importantes aquando da abertura de uma notícia; trabalhar o modo de fazer questões, ou seja, perguntar até à exaustão, de modo a obtermos respostas com corpo e contexto, evitando questões que nos indique respostas de sim e não; perceber que nem tudo é importante para um texto, e perceber que a novidade é um factor importante nas redacções, como a procura por essa mesma novidade; ter a flexibilidade, a plástica de lidar com pessoas diferentes, de contextos diferentes, e ganhar um certo à vontade para fazer questões, falando com elas pessoalmente, ou por telefone, não nos deixando intimidar. No fundo, no que toca ao leque de aprendizagens, penso que consegui desenvolver mais esse lado necessário que é, a flexibilidade, a plástica, em ter a necessidade de contactar com pessoas diferentes, de contextos diferentes, e ultrapassar a timidez para conversar, falar, fazer perguntas, saber guiar

uma entrevista, estar apta para escrever um guião de perguntas prévio, com base naquilo que se quer saber, não perdendo o foco do tema ou da personalidade entrevistada.

A nível de problemas apresentados, posso dizer que houve algumas falhas de comunicação, nomeadamente na peça que fiz a propósito da galerias novidade em Lisboa, e da feira-satélite JustLx. A peça sofreu bastantes alterações, sendo que no início, tinha feito uma pesquisa, e uma lista das galerias com factor novidade em Lisboa, e pensei que a peça seria sobre isso, tendo em conta o contexto pré ARCOLisboa, mas depois a peça revelou-se completamente diferente, devido ao aparecimento da feira-satélite, que foi algo inesperado, onde o seu surgimento foi dado conta ao mesmo tempo que acontecia o grande evento (que era a ARCOLisboa), e tivemos que alterar, e apagar bastante informação que já tinha recolhido. Aqui, para mim foi um problema também de comunicação, com a jornalista Isabel Salema, que me tinha encomendado a tarefa. E desde já, aproveito para apontar a falta de tempo que é dada, da parte dos editores. Provavelmente, por terem que cumprir com uma agenda previamente planeada, mas da minha parte, como estagiária, senti muitas vezes, uma recusa, ou um, não querer ensinar, comunicar, dedicar tempo a quem está de certa forma, a aprender, que era o meu caso. Não o senti tanto da parte do Vasco Câmara, ainda que se notava que o tempo era curto, e que havia uma quantidade de coisas que este estava encarregue de, não sobrando muito tempo para me orientar, digamos assim.

Por vezes, foi de facto um problema chegar a ter uma simples conversa de início ao fim com jornalistas da redacção, o que penso que foi um problema, pois se não há tempo para ensinar, paciência e disponibilidade para dedicar aos aprendizes, então a solução passa por não terem capacidade para aceitar estagiários. Reforço novamente, que senti logo desde o início, duas coisas que vi como um problema: a primeira, que se prende com o facto, de ter sido eu, na maior parte das vezes, a sugerir temas para construir seja uma notícia, seja uma reportagem. O que me deixa a pensar que, se eu não tivesse tido a iniciativa de procurar, e se não tivesse já em mente um projeto de trabalho, (relacionado com o ativismo artístico, por exemplo, a sensibilidade para com questões emergentes da cultura), não sei até que ponto, iria produzir textos. A menos que partisse dos telexes da agência Lusa, mas nunca foi o caso, até porque o Ípsilon é um suplemento semanal, em papel, pelo que as peças eram maioritariamente produzidas para esse fim, nunca tendo ficado encarregue da parte online.

O segundo momento, prende-se com o espaço de abertura que existe para discutir ideias, trocar impressões, o facto da janela de comunicação ser algo bastante restrito, a noção de colaboração no jornalismo, parece que se perde totalmente, dilui-se, dando espaço a um jornalismo cada vez mais individualista, por assim dizer. Ou melhor, jornalistas individualistas. Ao longo do estágio, fui observando que grande parte dos jornalistas mais próximos da minha secção, já se encontravam no mesmo posto de trabalho há mais de duas décadas, provenientes da geração fundadora do PÚBLICO, e vindos eles próprios de um programa de Estagiários, e de diferentes áreas de licenciatura.

As redações estão velhas, não descartando o jornalismo de qualidade que produzem, quero dizer que, parece não haver lugar para vozes jovens, frescas, novas, criativas. Se as há, estão provavelmente no ramo online ou na parte multimédia, design, porque a nível de redacção fui capaz de identificar um número reduzido de jornalistas jovens, isto é, com menos de 30 anos. Acresce outra questão que aponto como problema ou aspecto crítico, e que se prende com o facto destas experiências nas redações, já altamente preenchidas e com o trabalho aparentemente distribuído, funcionarem numa lógica de tempo-limite, ou seja, uma das primeiras questões com que me deparei, assim que cheguei, foi, terem-me perguntado até quando é que eu ficaria lá, ou seja, essa noção pré-estabelecida, assumida como verdade, que os estagiários desta nova geração, terem uma espécie de prazo de validade.

Apesar de tudo, devo sublinhar pessoas como a Isabel Anselmo por exemplo, a qual faz parte do secretariado, que desde o início, mostrou-se sempre disponível para esclarecer qualquer questão ou dúvida que tivesse ou mesmo, ter disponibilizado o seu tempo para me dar algum tipo de conselho. Destaco também a jornalista Lucinda Canelas, que por vezes fez questão de me acalmar, e me apresentar a outros membros da redacção, e ainda o jornalista Mário Lopes, pela partilha de referências musicais, o qual me fez sentir menos alienada da redacção, como também do jornalista Vítor Belanciano, o qual, elogiou uma peça que escrevi acerca de Wolfgang Tillmans, o que de certa forma deu-me alento e fez-me acreditar que conseguia de facto, ser jornalista.

Não existindo quaisquer garantias de trabalho posterior, e com algumas esperanças já defraudadas, torna-se um desafio ainda maior, no presente e no futuro. E, nesse sentido, é um

dos poucos problemas que posso apontar, nesta minha experiência com este estágio em particular.

Ao mesmo tempo, percebo que estes estágios que falamos, são curriculares e são respectivos a um prazo, mas também, penso que a abordagem dada, não é, nem a mais sensível, nem a mais correcta.

Para concluir esta questão, convém salientar que a meio da minha experiência em estágio, foi-me dita a seguinte frase, “nós fazemos jornalismo, não fazemos activismo”, algo que de certa forma difere da minha maneira de pensar e de querer fazer as coisas. O facto também, de por vezes eu querer trabalhar muito a mesma grande temática que se relaciona com activismo, e ter-me sido dito que devia sair dessa, “zona de conforto”.

Nestes momentos, apercebi-me de que, muito provavelmente não estaria no sítio certo, e que embora eu consiga de facto, perceber a diferença entre jornalismo e activismo, na minha concepção, não basta existir “apenas jornalismo”, esse tem a obrigação de existir no seio de uma sociedade, de forma a mantê-la informada e a par dos acontecimentos do Mundo, mas penso que também é extremamente importante existir alternativas, como é o caso da existência de uma prática jornalística menos genérica, onde não seja só evento, mas processo. Onde haja mais tempo, rigor, investigação, um jornalismo mais consciente que procura soluções.

Ainda, a nível de aprendizagens, convém sublinhar, algumas notas que fui escrevendo no decurso do Estágio. Por exemplo, aquando da escolha das imagens para ilustrar uma peça que diz respeito à temática do cinema, nunca optar pela escolha de *posters* dessas obras cinematográficas, pois isso confunde-se com a tentativa de fazer propaganda a um produto. Ao invés disso, deve-se antes optar por imagens fotográficas do próprio filme. Aprendi também que, para que a escrita de artigos, notícias, seja mais rápida e mais eficaz, a solução reside não no acto de escrever a totalidade de artigo a papel e numa segunda fase, com tudo estruturado, passar para o computador, mas antes, seleccionar as partes mais importantes do material que fui adquirindo, a nível de material, seja entrevista e de investigação, e começar a construir a peça escrita a partir daí, depois de toda a informação mais relevante, esteja já no backoffice.

Aprendi que, deve-se respeitar os parágrafos, para que o texto possa respirar, no sentido em que o texto seja dividido por blocos, respeitando ou, não ultrapassando largamente o número de caracteres exigidos. Aprendi que ser imparcial é uma postura que se deve adoptar, quando se trata de textos jornalísticos, e não dar a entender que quem escreve, não está a favor ou contra uma determinada posição. Aprendi a ser mais objetiva, sucinta, a construir leads, a distanciar-me de uma linguagem com teor mais académico e a adopção de uma linguagem mais directa, jornalística, isto em contexto de construção de notícias ou de um flash (seção que abre o Ípsilon).

Aprendi a trabalhar uma das características que é de certa forma um impedimento para quem quer fazer jornalismo - a timidez - e ter a destreza de contactar as pessoas e fazer perguntas, ter conhecimento da exactitude dos detalhes de determinada história.

Aprendi que, uma história tem de ter algo mais a oferecer, do que aquilo que se pode retirar da plataforma de um certo evento, por exemplo. A história tem que ter um lado aliciante, sedutor, que cativa, e ao mesmo tempo tem que fluir, partir do geral para o particular, tornar a peça singular.

No que toca a opções adoptadas a nível dos temas, nota-se que tive uma preferência clara em trabalhar justamente com temáticas ligadas ao conceito de ativismo, e por ter vindo a explorar esse mesmo conceito, e a pesquisa do mesmo, desde uma experiência que tive, precisamente, numa revista independente, onde o ativismo aliado à cultura criativa, era o núcleo de trabalho. Todas as minhas opções, a nível de sugestões de peças para concretizar, estão relacionadas com o facto de eu, enquanto jovem, visionária, querer espalhar uma mensagem, em relação a um determinado assunto que me parece de extrema importância. Normalmente, esses temas são ligados precisamente aos ativismos, que agem nas suas várias frentes, podendo ter a ver com questões de género e identidade; com o tema do aquecimento global e da respectiva luta pela sustentabilidade, preservação e conservação do ambiente; questões relativas a problemas actuais que se vive no território português, como a gentrificação, a especulação imobiliária, os eventos de despejo, e as várias manifestações e protestos levados a cabo para combater estas situações de risco; o activismo político exercido por artistas que fazem da arte a sua ferramenta para espelharem realidades, que muitas vezes passam despercebidas.

No fundo, interessa-me falar com e escrever sobre, o outro lado das notícias, o pegar em determinadas histórias e dar-lhes a visibilidade que merecem. Isso, e dar a conhecer algum projecto nacional, que opere numa lógica, “faz tu mesmo”, e ajudar, pela via da escrita, esses projectos a se desenvolverem, oferecendo alguma espécie de impulso. Todo o meu caminho feito no Ípsilon, foi feito com esse propósito, de aproveitar um meio de comunicação social, de imprensa escrita, para chamar à atenção de assuntos que considero relevantes, de certo modo, tentar fazer um pouco a diferença, visto que a imprensa alternativa que temos em Portugal, não tem esse alcance, padece de meios. Volto a reforçar que o Ípsilon é um suplemento que sigo há mais de uma década, e foi para mim, durante muito tempo, o meio por onde conheci a cultura feita em outras partes do mundo, foi isso que me deu a conhecer música, arte, cultura que nunca tinha ouvido falar, e que nesse sentido, abriu-me as portas a várias referências que ajudaram na construção do meu ser cultural, por assim dizer.

1.3 - Podemos afirmar que o Ípsilon é culturalmente intervencionista? Existe essa sensibilidade?

Uma questão impõe-se: no seio de uma imprensa cultural, detida por um dos maiores grupos económicos, que é a SONAE, há espaço e (tempo), para uma sensibilidade no que toca a temáticas emergentes da cultura do agora? Vamo-nos debruçar sobre esta questão, e da existência de uma sensibilidade ou não, a partir de uma experiência no suplemento e de algum poder de observação, em relação ao que foi produzido entre Janeiro de 2018 e Setembro de 2018, cujas peças toquem em pontos do activismo e do ativismo artístico. Convém dividir a questão em pelo menos, dois pontos, o primeiro prende-se com, a minha experiência a nível sensorial, no que toca à sensibilidade sentida na escolha editorial das histórias a escrever, anotações pessoais de tom mais diarístico, numa tentativa de estabelecer pontos de contacto entre o tema propriamente dito que trabalha a sensibilidade nos media e mais especificamente no Ípsilon. Qual a ligação entre o tema proposto e o estágio?

O segundo ponto, prende-se precisamente com provas, exemplos de artigos realizados e publicados online, que de certa forma, têm esse cariz de serem questões urgentes, emergentes, da cultura, da arte, arte de intervenção no jornal em questão. Temáticas mais “sensíveis” para o leitor, sejam estas relacionadas com o ativismo digital, como a luta pelos direitos de minorias, os vários protestos das mulheres que reivindicam a igualdade, ou as

organizações não governamentais que marcham em defesa do ambiente. Falemos de sensibilidade, de arquivo e de experiência.

É um facto que, a maioria dos artigos da minha autoria, concretizados no decurso do estágio, tiveram sempre uma orientação, aliada, acima de tudo a uma certa sensibilidade pelo mundo, numa pequena luta constante, pelo modo de “arte por arte”, arte com o único objectivo de ser arte, de ser puramente estético, seja para admiração, contemplação, decoração. Salvo algumas excepções, a arte sempre serviu uma determinada elite, e historicamente, o facto de a arte ter a sua utilidade, o facto de poder ser uma voz, e de certa forma, abanar estruturas a nível político, social, económico é visto como algo recente, é a nova forma artística deste século. Chamam-lhe, ativismo. No entanto, é também necessário haver portais de comunicação, pontes que façam transmitir a mensagem, de espalhar a palavra, e dar alguma voz aos chamados ativistas, ou artistas ativistas.

Para isso, é necessário existir meios de comunicação, que assumam esse papel, que sejam o canal por onde toda esta informação, (arte com um propósito, arte por uma causa), possa chegar ao outro lado, ao lado do leitor, ao lado do público. Mais à frente, vamos explorar alguns dos meios de comunicação, (por norma mais independentes, e internacionais), que fazem deste tipo de imprensa (escrita, na sua maioria), o seu núcleo de trabalho. A sensibilidade é característica seminal nesta variedade de meios, interessam-se maioritariamente por aprofundar temáticas, que em meios de comunicação tradicional, passam muitas vezes apenas como breves notícias, e onde as manchetes com as características letras grandes e gordas com o propósito de vender jornais e estimular audiências, são aquelas que ocupam uma parte substancial de um jornal, sem dedicarem tempo a uma temática que merece investigação, aprofundamento.

A realidade da imprensa portuguesa tradicional, (excluindo as rádios e as televisões), é praticamente a mesma. Desde a imprensa escrita em formato jornal que se mantém de pé, àqueles que migraram para o online, até a plataformas que operam apenas (desde o seu início), em suporte online. Estamos a falar em primeiro lugar, do Jornal de Notícias, do Público, do I, do Sol, do Expresso, do Correio da Manhã, até ao Diário de Notícias, que era precisamente um diário, mas que, devido a esta morte anunciada do papel, transitou para o

online/digital em formato diário, com edição impressa apenas aos Domingos.⁶ O edifício emblemático no qual estava inserida a redacção do Diário de Notícias, vai servir agora para a construção de 34 apartamentos de luxo, segundo a fonte citada.⁷ Para finalizar, um exemplo que já nasceu na Internet, nunca tendo existido em suporte impresso, nasce em meados do ano 2014, como um conceito único em Portugal, assumidamente orientado para as políticas de direita, o Observador, opera somente na esfera online.

Este pequeno desenho do panorama jornalístico português (no que toca apenas a jornais), serve para introduzir questões como: há sensibilidade para as questões emergentes da cultura, partindo de uma determinada cobertura jornalística? (mais precisamente do Ípsilon, Público); consta de quê, quais os exemplos de histórias, peças que comprovem uma atenção para eventos e problemáticas que reclamem (não directamente) uma acção directa por parte de uma audiência? (tendo em conta a responsabilidade social, o civismo, a entreaajuda entre populações e comunidades, motes como o agir localmente e pensar globalmente); esta génese de peças tem espaço para existir neste tipo de cobertura e imprensa jornalística? Ou, estas questões ou, este outro lado das notícias, é apenas devidamente aprofundado em meios de comunicação distantes de grandes grupos económicos, distantes de cumprimento de agendas editoriais, distantes desse rol de influências partidárias e económicas, distantes do marketing, libertas do poder dominante das agências de comunicação social?

A partir de uma pesquisa no arquivo online do Jornal Público, que aglomera também o Ípsilon, de acordo com as seguintes palavras-chave: ativismo, activismo, activista, ativismo artístico, e numa escala temporal que vai desde Janeiro de 2018 até Setembro de 2018, fui capaz de retirar algumas conclusões. No entanto, em matérias do ativismo, decidi ir um pouco mais atrás, pois é um conceito relativamente novo, especialmente em Portugal. Numa esfera de seis notícias, passo a sublinhar três notícias: ***“PANTA: Uma revista de cultura e ativismo que celebra a arte pelo Mundo”*** pela autoria de Ana Catarina Peixoto. 31/07/2017; ***“A Revolução é feminista! Fotografias pela igualdade de género”*** pela Ana Jorge Teixeira. 16/03/2018; ***“Há um festival dedicado à arte do lixo em Espanha - Bordalo II é o curador”*** por P3/LUSA. 25/06/2018.

⁶ - In Jornal Público - ["Diário de Notícias abandona edição de papel à semana e só estará nas bancas aos Domingos"](#);

⁷ - In DN - ["Edifício do Diário de Notícias dá lugar a 34 apartamentos de luxo"](#).

Estes títulos revelam três palavras de ordem, respectivamente: o conceito de ativismo, feminismo e questões do foro ambiental. No entanto, denota-se alguns factores preocupantes: primeiro, por um destes nem ter autor identificado, vindo de uma das agências de comunicação social, LUSA; segundo, a escassez deste tipo de temáticas em imprensa mainstream; terceiro, a disparidade de tempo entre os artigos, baseados na pesquisa do conceito - ativismo - que por acaso, foi um artigo sugerido por mim, há um ano atrás, quando trabalhava na revista em questão. Prossigamos com a pesquisa de arquivo.

Voltando ao espaço temporal entre Janeiro de 2018 e Setembro de 2018, e tendo em conta, uma palavras-chave como “activismo” e “activista” e “activismo artístico”, eis os resultados: “Israa Al Ghongham pode ser a primeira mulher saudita executada por activismo”; “Conheça as portuguesas que foram pioneiras nas profissões liberais e do activismo” LUSA; entrevista: “O que aconteceu com Marielle no centro do Rio de Janeiro é uma rotina na favela”, de Aline Flor; “Marcelo Brodsky mostra o fim de história (e a letargia da memória)”, por Sérgio Gomes, Ípsilon; “A epidemia, o vírus-cinema e a geração que se seguiu: o VIH/Sida no Queer Lisboa” de Aline Flor, Ípsilon; “Negociar o quê, não há, Planeta B! o grito de mil pessoas na Marcha do Clima” por Inês Chaiça; Entrevista: “Manuela Tavares: pode haver regresso de direitos das mulheres” por São José Almeida; “Sempre que vejo um polícia na rua penso que devia ter trazido a minha escova de dentes porque secalhar vou acabar outra vez na prisão”, por Mariana Duarte no Ípsilon; “As afegãs escrevem para ser livres”; “Banksy invade as ruas de Paris com obras sobre a crise migratória” por Filipa Almeida Mendes, no Ípsilon; “McDonalds vai deixar de usar palhinhas de plástico no Reino Unido” de Filipa Ferreira Mendes; “Que tamanho uma minoria precisa de ter para conseguir uma mudança social?” de Filipa Ferreira Mendes; “O poder político perdeu o receio do que os estudantes possam fazer” de Clara Viana (mas que, devido às rendas insustentáveis nas cidades metrópoles, isso pode estar para mudar); “A década em que se voltou a exigir democracia na rua” por Sofia Lorena; “Activistas vencem Prémios Goldman por impedirem acordo nuclear com a Rússia” de Filipa Ferreira Mendes; “Festival P: um café com activismo”; “A arte voltou a ser subversiva no Brasil” por Filipa Vicente, no Ípsilon; “Walk & Talk: um festival disposto a esperar para ver no que vai dar”; “Silêncio, vamos ouvir o Fado Bicha”; “Fazemos like a partir dos sofás, mas ainda saímos à rua”; “Há um cinema negro em Portugal?”; “O escultor voador”; “A arte voltou a ser subversiva no Brasil”; “Da

Blaxploitation a Black Panther, uma história actualizada”; “As histórias do MASP vão ser afro-atlânticas em 2018”; “O ativismo também se faz com plástico do mar”.

Tendo em conta a maioria das notícias acima intituladas, recolhidas do arquivo digital, online do Jornal PÚBLICO, segundo a pesquisa orientada por palavras-chave como “ativismo”, “activista”, “artivismo” e “ativismo artístico”, retiram-se algumas conclusões que apontam para: uma certa preocupação em falar sobre esta terceira onda do feminismo, no que toca à garantia e luta pelos direitos da mulher; ativismos políticos que tomam a sua forma artística, seja em forma de exposições ou protesto; artigos que espelham a questão do assédio sexual nos Estados Unidos da América, adjacentes ao movimento #MeToo; questões envolta da crise dos refugiados e da imigração; assiste-se também a artigos constantes sobre o impacto das alterações climáticas, no que toca à Marcha pelo Clima, e um certo “apelo” que serve de exemplo à redução do consumo de plástico, e até mesmo a uma erradicação do mesmo; a temática das minorias; a arte como ferramenta subversiva; a um Festival organizado pelo próprio P3 (segmento online do primeiro caderno, onde o lema é: “tratamos tudo por tu”, e é direccionado para um público jovem, o qual trabalha fundamentalmente sob questões da cultura), e que se prende precisamente com o conceito de activismo.

Em relação ao Ípsilon, e à secção da cultura relativa ao primeiro caderno, observa-se que durante a esfera temporal indicada acima, segundo estas notícias assinaladas, detectam-se peças que se aproximam do conceito de artivismo, isto, mais alguns artigos que produzi, no período de estágio, que levantam questões semelhantes (cerca de 4 artigos), publicados no seio da cultura e artes, os quais espelham como a arte pode ser uma ferramenta para a mudança e agitação social, pode ser um veículo para a transformação social, sendo que o jornalista adopta uma postura de “preocupação social”. Que é, precisamente o que queremos trazer para a discussão quando falamos em sensibilidade por parte dos media, comprovando-se que, dado o contexto, panorama nacional do jornalismo, o jornal PÚBLICO, é talvez dos únicos exemplos que aborda este tipo de questões, sem qualquer constrangimento. Caso contrário, não teria sido possível para mim, enquanto estagiária, a concretização da peça sobre a gentrificação, por exemplo. Ou, sobre a abertura de um museu que prevê a legitimação de uma comunidade, que durante anos, assistiu à sua actividade a ser discriminada, marginalizada por uma sociedade que se quer higienizada e normalizada. A abertura de um jornal português de cariz tradicional para estes temas, incluindo o ativismo

artístico é um passo em frente, para o que se pode chamar, de “sensibilização pelos media”. O que ocorre é que, quanto mais se normalizar estas questões, seja do meio ambiente, ou direitos das minorias, ou facto da arte, o cinema ter a capacidade de ser subversivo, ou mesmo o fado, que é visto como um marco da tradição e cultura portuguesa, conseguir ser revertido, apropriado e transformado por membros da comunidade homossexual, no final, acabam por ser assuntos que chegam ao alcance das massas e podem conseguir a sua aceitação, ou melhor, compreensão sobre esses temas. Notícias, reportagens, entrevistas com uma perspectiva crítica e fundamentada, que de certa forma façam um apelo e por outras palavras consigam dizer, “isto também existe”, é fulcral e urgente existir no âmbito dos meios de comunicação tradicionais portugueses, e o jornal PÚBLICO é um exemplo, de que isso efectivamente acontece.

Não significa que o número de histórias, peças realizadas pelos respectivos repórteres do jornal, seja um valor surpreendente, para um período de 9 meses, mas que, revela um esforço, preocupação, no sentido de trazer para o foro da discussão pública, de trazer para a arena, questões que importa chamar à atenção, e merecem visibilidade. Tanto na salvaguarda e protecção de direitos humanos, como na capacidade da arte poder fazer alguma diferença em quebrar paradigmas e mudar mentalidades, para um consequente avanço, progresso, melhoria de panorama. Cidadãos bem informados, não só do que se passa na esfera actual mas também informados relativamente a assuntos que podem causar a diferença para um mundo melhor, é, ou deveria ser, uma das tarefas do jornalismo.

A sensibilidade dos media por questões que façam o público reflectir nas suas próprias práticas e conseqüentemente, exercer uma mudança para hábitos mais “saúdáveis”, a nível de pensamento e exercício cívico, é uma noção que proponho que se retire da minha breve passagem pelo Ípsilon. Uma das conclusões que retiramos também, é o nome de duas jovens jornalistas, Aline Flor e Filipa Ferreira Mendes, que se destacam neste conjunto de notícias, pelo facto de se dedicarem, em grande maioria, em contar histórias que ficam à margem. O Ípsilon, é de facto o único suplemento que é capaz de fazer estas abordagens, destaca-se como um raro exemplo de que as notícias da cultura, não têm que ser apenas eventos culturais, inaugurações de exposições ou vindas de músicos à terra lusa, como parecem ser os traços pelos quais se regem a maioria da imprensa cultural nacional. Pela abordagem polivalente e multifacetada do suplemento e da secção de cultura do primeiro

caderno, este adquire definitivamente o seu lugar como “sensibilizador para questões urgentes da cultura.”

De forma a continuarmos esta reflexão sobre o relação entre o estágio curricular e o tema em discussão, convém referir as motivações que me levaram a trabalhar sobre temas de cariz activista (artístico) no período em questão (Março 2018-Janeiro 2018), no suplemento Ípsilon, e do interesse veiculado na pesquisa de notícias que tocam a sensibilidade dos media para com questões urgentes. Em Março de 2017, aquando do meu ano a viver em Berlim, tive a oportunidade de fazer um estágio livre numa revista de cariz independente, *PANTA magazine*, no seio de uma empresa, em formato *start up*, vocacionada para a arte urbana, *street art*, *graffiti*, a qual dispõe de um serviço de “agência de artistas”, chamada Book a Street Artist, projecto que embora actualmente estabelecido em Berlim, na Alemanha, teve os seus inícios em Lisboa, por volta de 2014.

Enquanto que a agência, se foca num serviço que liga artistas a marcas, já a revista, atua num campo um pouco diferente. A publicação em papel, normalmente com uma periodicidade de três vezes por ano, onde tive exerci o papel de Project Manager, debruça-se sobre temas ligados ao ativismo e à cultura criativa. Esta, traz de certa forma, para o campo dos media, ainda que independente, a nível de escrita e do campo visual, exemplos de obras, artistas, acontecimentos que actuam sobre o campo do activismo artistico. Na altura em questão, eu estava ciente do que activismo significava, outrora já tinha manifestado o meu interesse em causas desse cariz, embora virado para uma faceta mais “solidário”, acções comprometidas para com a entrega de bens primários a pessoas com mais necessidades, sempre numa perspectiva de caridade.

No entanto, se quisermos recuar ainda mais no tempo, lembro-me de ter começado desde cedo a manifestar o meu interesse em questões de ecologia, começando por adoptar a prática da reciclagem, a implementar essa acção em casa, ou seja, para justificar que o meu interesse em causas, acções, obras de cunho activista seja artístico ou de outro teor, autores que desenvolvem o seu trabalho à volta tendo por base essa temática, ocupa de facto uma parte substancial dos meus pensamentos, das minhas acções e das minhas vontades.

Quando cheguei a Lisboa, sete meses depois da conclusão do estágio e consegui, uns meses mais tarde, a confirmação do meu estágio curricular no Ípsilon, para além de uma

grande satisfação e vontade em aprender, tinha como “missão”, trazer para cá, para o contexto português, esse conceito que tinha trabalhado previamente - o ativismo. Nunca tinha assistido a nada igual em Portugal no campo dos media, e por isso trazia comigo a ideia de que seria algo inovador, especialmente porque estamos a falar de um meio como o Ípsilon, com um público já estabelecido, definido, conquistado, que opera no seio de um diário de referência português. Julguei que seria a oportunidade ideal para desenvolver essa temática, trazer artistas do contexto internacional para peças escritas, pegar em exemplos portugueses que estivessem de certa forma a actuar neste campo, pensando até, organizar, propor mesmo uma secção que se dedicasse inteiramente sobre esse tema.

Um suplemento cultural como o Ípsilon é fundamental para a cultura, pois é neste momento a única publicação em papel, semanal, que oferece um espaço privilegiado para a divulgação e fomentação da mesma.

Durante o tempo decorrente do meu estágio, na redação do Ípsilon, tentei trazer para a mesa, propostas, ideias, para artigos que tocassem quase sempre o ângulo do ativismo, como se pode comprovar pela realização de algumas das minhas peças. No decurso da experiência curricular no Ípsilon, deparei-me também com assuntos próximos deste tema, da autoria de outros jornalistas que apontam para uma sensibilização em relação a assuntos chave, pela via da arte, como a questão de um tema polémico neste momento, da violência doméstica no cinema, por exemplo. Penso, acredito, que há essa iniciativa de trazer para o suplemento temas “urgentes” que façam o leitor reflectir sobre estes mesmos, por formas, expressões artísticas distintas das artes visuais plásticas, como pelo cinema, música etc.

Quando falo em sensibilidade, falo em sensibilizar o leitor para questões-chave, através da escrita, do jornalismo, mostrar ao leitor que o mundo é mais do que eventos do dia-a-dia e notícias de última hora, fazer o leitor aperceber-se de movimentos, ideias, peças que outrora passariam despercebidas no universo gigante que é a arte, no fundo, sensibilizar o leitor a pensar, reflectir sobre questões que por vezes podem até estar longe mas que dessa forma, temos a oportunidade de formular uma opinião e pensar sobre uma questão, que nos toca, como em relação a outras questões que podem não nos tocar directamente, pois podem estar distantes a nível geográfico, mas que nos movem emocionalmente. No fundo, jogar com o factor emoção no jornalismo. Emoção, sensibilidade, provocar no leitor algum tipo de efeito, que o compele a agir.

A ligação mais estreita, eu diria que era, trazer para o Ípsilon, conteúdos relacionados com ativismo, que penso ser uma “nova forma de arte” pouco explorada, especialmente em Portugal, trazer a bagagem que adquiri enquanto estive no contexto internacional, a trabalhar com um projeto independente sobre ativismo e implementar esse mesmo conceito no contexto nacional. Tentar “inovar” por assim dizer um suplemento tão rico e respeitado, trazer algo de novo, ir buscar artistas, obras, peças que partem da ideia de activismo artístico, não no sentido de “incitar” o outro a fazer isso, praticando na mesma a parcialidade, nem na adopção de um estilo radical na forma de expressão escrita, mas mostrar o que existe, mostrar que a arte pode ser um veículo para a mudança social, precisamente pela sua capacidade plástica.

A arte não tem que ser um ideal privilegiado que opere apenas à volta da ideia de mercado, mas que pode ir além, ser uma ferramenta para quebrar paradigmas ultrapassados, para instruir novos valores e maneiras de pensar, para refletir sobre um problema, seja a inflação imobiliária que provoca situações de despejo a moradores que vêm Lisboa como a sua casa, seja o movimento anti-petróleo/combustíveis fósseis, em Portugal levado a cabo por cidadãos comuns e ambientalistas, seja a igualdade de direitos, a paridade de (salários), tudo isto pode ser causa e motivo para um trabalho, a arte vai além de um filme, de uma pintura, de um livro, de uma fotografia, pode transformar a opinião pública, tem o poder de sedimentar bases de instrução. A arte pode infiltrar-se em qualquer meio, pois é livre. Pode ser conhecimento, emoção, consciência. Mas, só existindo um motor que veicule esses mesmos ideais, é que o ativismo pode ganhar espaço.

A ligação deste preciso tema e do estágio realizado, foi unicamente trazer essa questão pouco explorada, para um suplemento que atinge uma grande parte da população portuguesa. Um meio de comunicação com grande alcance a nível de público (um meio mainstream), o qual tem a capacidade de chegar rapidamente ao receptor, o qual seria mais fácil para propagar este tipo de informação, e ter uma maior projecção, daí ter escolhido o Ípsilon para o fazer. Embora que, nem todas as peças tenham esse cariz, o núcleo da ideia é essa, por esta lógica, de que quanto mais um canal de media mainstream produzir este tipo de conteúdos, é positivo a meu ver, é instrutivo. Para contrapor o facto de que este tipo de conteúdos normalmente se encontra mais veiculado em plataformas de cariz alternativo, onde a projecção é menor, aqui a ideia foi, levar a problemática do activismo artístico para um meio da cultura de massas.

O Ípsilon, lê-se como um suplemento que fala, escreve, reflecte, promove, divulga cultura, daí ser o sítio por excelência para trabalhar também a cultura criativa que toca em fragilidades da sociedade, ser um meio onde se possa explorar as potencialidades da dita cultura a outros níveis. De facto, o tema que trouxe para o cerne desta discussão, o porquê de o abordar em contexto de estágio e o porquê de o relacionar com o tema da sensibilidade nos media, assenta em considerações, tais como, é reflexivo, é inspirador, é solidário, é útil, a arte pode assim adquirir uma presença activa na vida quotidiana das pessoas, se estas forem confrontadas com as suas potencialidades sociais.

É mais do que evento, ultrapassa agendas culturais e não precisa de ser exaustivo, é apenas uma outra perspectiva, a do ativismo artístico, que pode ser explorada no contexto de um suplemento cultural de referência, como o Ípsilon, e foi precisamente isso que tentei trazer para a minha experiência como estagiária. Peças, assuntos, que se debruçam sobre essa mesma componente ativista do campo da arte.

A meu ver, é importante haver a oportunidade para mais questionamento às estruturas económicas, às forças políticas, e a arte tem o poder de o fazer, caso contrário, a arte fica-se unicamente pela expressão dos vários egos, que não coabita com a sociedade e os seus problemas, as suas fragilidades, e os meios de comunicação servem também para fazer transparecer essas realidades, aliás, devem fazê-lo. As lutas que estão a ser travadas entre colectivos de organização sem fins lucrativos, mais especificamente do foro ambiental, ser transmitida e não omitida pelos media, por exemplo. É importante repensar todo este modelo de se fazer jornalismo, não procurando apenas a conquista do maior número de audiências e vendas, mas infiltrar-se de uma forma mais humana, mais próxima na sociedade. O ativismo é isso mesmo, pensar a arte para além da própria função, pensar a capacidade de um autor de se desafiar, e ao mesmo tempo, desafiar o próprio sistema, pensar os media como veículos de expressão das suas inquietudes. O Ípsilon destaca-se assim, como um suplemento cultural no âmbito português que exercita esse pensamento.

Imprensas diferentes, focos de interesse diferentes. De resto, a realidade da imprensa nacional mais tradicional (como a conhecemos), preza-se a continuar a trabalhar sob um modelo de jornalismo, que é, o agir dentro dos parâmetros normais do acto de se fazer jornalismo, as edições de última hora, ao minuto, os destaques, as manchetes gordas, as polémicas, os eventos (acontecimentos quotidianos, com que somos constantemente

invadidos), o pouco interesse dado à cultura. Não querendo colocar em causa a sua legitimidade, este tipo de informação é legítima de um jornal de cariz generalista. Todos estes títulos, inicialmente assinalados, continuam a preservar uma herança, um legado histórico, do que é fazer jornalismo, trazer as notícias às casas das pessoas, informar o público.

Não se quer pôr em causa, ou, não é o objectivo deste relatório, criticar de forma negativa ou julgar massivamente a imprensa de cariz mainstream em Portugal, mas antes, criticar o facto de que há poucas alternativas, e as que existem, à excepção do PÚBLICO que ainda é o título que dedica páginas a jornalismo de investigação, e a temas fracturantes da sociedade, para além de não serem financiadas (salvo o Fumaça, por exemplo), não têm grande visibilidade, ou capacidade organizadora e logística de se tornarem um meio de comunicação com adesão e notoriedade.

Do meu ponto de vista, estas alternativas de que se fala, existem, e iremos falar um pouco sobre elas no capítulo seguinte, mas importa realçar que, no exercício de uma democracia directa, estes meios são fulcrais, não só pela participação mais aberta e facilitada, como também, ao nível das preocupações destes meios que tendem a inclinar-se para o bem-estar das comunidades, num gesto de jornalismo a nível local. São essas alternativas “pobres”, com falta de recursos, investimento e meios, que não dependem de grandes grupos económicos, que não sob dependência de publicidade e técnicas de marketing, que podiam eventualmente e deviam ter o seu espaço e forma para existir, ou melhor, co-existir.

No fundo, para além de uma espécie de classe dominante na comunicação social, tornar possível a criação de condições, no espaço e esfera midiática, para a concretização de projectos independentes, críticos, reflexivos, apartidários. A partir desse momento, passa a existir uma escolha, que só pode ser exercida pelo próprio leitor, pelo grande público. A impressão que tenho é que, as alternativas, tendem a perder-se na clandestinidade, não conseguindo competir com os grandes títulos já estabelecidos no mercado da imprensa portuguesa. O objectivo não é descurar do jornalismo mainstream português, mas dar a conhecer ao público as demais alternativas, que não deixam de ter um compromisso sério para com a verdade, que produzem conteúdos originais, que vão ao âmago de certas questões, onde mais do que o evento em si, interessa o processo, um compromisso que ultrapassa

agendas políticas, que ultrapassa ameaças à liberdade de expressão e de imprensa, medos e outros constrangimentos e restrições editoriais.

Convém lembrar que, reconhece-se a importância de secções como, o comentário, a opinião, e que estas são extremamente relevantes para a prática do jornalismo de hoje, e daí parece não haver desacordo.

No entanto, o que me parece estar em falta, são realmente, soluções, actos, gestos para mudar algo, ideias de como mexer com estruturas rigidamente construídas, perante algum traço de injustiça social. Se há sensibilidade na cobertura dada pelo jornal, onde tive a oportunidade de ter uma experiência durante três meses, da minha óptica, penso que sim.

Nota-se um esforço e uma atenção a alguns dos temas mais emergentes da cultura contemporânea, e parece-me sobretudo levado a cabo por mentes mais novas, por jornalistas que ainda há pouco tempo ingressaram na actividade, com vontade de fazer mais do que notícia, assim como por jornalistas interessados em temas da sociedade actual, como o racismo, a comunidade local, a ecologia, a massificação do turismo e a consequente gentrificação. É importante, dar voz a quem explore determinadas questões de forma a estas não caírem na sua invisibilidade, ao mesmo tempo que este esforço é feito por profissionais que a partir do meio privilegiado em que trabalham (um meio de comunicação social que atinge uma grande camada do público), conseguirem fazer-se ouvir, na adopção de um papel comunitário até, dar voz aos protagonistas das histórias que contam, ou melhor, de projectar essa mesma voz, de a fazer-se sentir.

De forma a concluir este capítulo, convém fazer ainda dois apontamentos, que de certa forma revelam que, a tarefa de trazer questões emergentes para o espaço de discussão pública, não cabe só aos jornais e aos jornalistas, como também aos próprios activistas, ou artistas. Só desta união de saberes é que se pode convergir para um bem comum, para uma perspectiva de melhoria e progresso, a nível de atitudes, hábitos, maneiras de ver, comportamentos. No espaço de menos de um mês, na altura da *rentrée* cultural, em Setembro de 2018, foram anunciadas duas exposições em instituições culturais, que julgo serem relevantes, no sentido em que trazem para a esfera de discussão pública, assuntos tomados como urgentes, da cultura do agora.

A primeira, fora inaugurada a 19 de Setembro, com o título, *Fogo das imagens de Marcelo Brodsky revive o Maio de 68 no Museu Berardo*⁸, numa tentativa de despertar a consciência política das novas gerações, face a determinadas temáticas que não só fazem parte de um passado, mas como são antes, bastante actuais.

A segunda, intitulada, *“Japonês Tadashi Kawamata simula um mar de lixo no MAAT”*⁹, que apela precisamente a um dos maiores problemas que enfrentamos, nesta “Era do Plástico”, e que vem precisamente trazer à tona o quão poluente e devastador o plástico se revela.

Cabe agora, refletir sobre o panorama do jornalismo cultural em Portugal, a partir de algumas leituras teóricas e a assimilação de conceitos, uma introdução a esses mesmos e a apresentação de alguns exemplos que fazem parte de uma pequena imprensa alternativa/independente, feita em língua portuguesa, em território nacional, assim como uma imprensa mais especializada a nível cultural, em território nacional.

Parte II - Panorama do jornalismo cultural em Portugal

2.1 - História, tendências da cultura no campo editorial

De acordo com o autor, Jorge Rivera, em jeito de definir o que se entende por jornalismo cultural, este diz-nos que, “o jornalismo cultural é uma zona muito complexa e heterogénea de meios, géneros, e produtos que abordam com objectivos criativos, reprodutivos e informativos os terrenos das belas artes, as “belas artes”, as correntes de pensamento, as ciências sociais e humanas, a chamada cultura popular e muitos outros aspectos que têm a ver com a produção, circulação e consumo de bens simbólicos, sem importar a sua origem e o seu destino.”¹⁰ “Periodismo Cultural” (2003: 19)

⁸- ["Fogo das imagens de Marcelo Brodsky revive o Maio de 68 no Museu Berardo" in Observador, 18/09/2018](#)

⁹- ["Japonês Tadashi Kawamata simula um mar de lixo no MAAT" in Sic Notícias, 24/09/2018](#)

¹⁰- RIVERA, Jorge B. (2003). El periodismo cultural. Buenos Aires: Paidós, p. 19.

Adoptando agora uma perspectiva histórica, indo de encontro às origens do que se entende por jornalismo cultural, estas, remontam ao contexto do Renascimento e das correntes humanistas, que de acordo com o autor, jornalista e escritor Daniel Piza, é neste contexto que, esta variante do jornalismo surge na Europa.¹¹

Mas, é especialmente a partir do século XVIII, numa época e fruição de renovação intelectual e artística, que publicações que existiam na época, espalhadas um pouco por toda a Europa, começaram a dedicar páginas, longos ensaios, e “reflexões sobre peças de teatro, pintura, prosa e poesia, ajudando a propagar as ideias do movimento iluminista.”

Sendo que, esta “nova” vertente apelidada como “jornalismo cultural”, era vista como, “uma actividade que reflectia as problemáticas globais de uma época, satisfazendo demandas sociais concreta e interpretando dinamicamente a criatividade do homem na sociedade.”¹². Desde seu início e tendo em conta as suas raízes, esta modalidade no jornalismo surge da necessidade de democratizar o conhecimento, da adopção de um carácter de crítica e de reflexão que oferece ao leitor as ferramentas para pensar e construir uma opinião sobre os diferentes temas. Estender a informação e a esfera do conhecimento a um número crescente de pessoas, passa por ser uma tarefa fundamental, cabendo ao repórter cultural, uma reflexão sobre as circunstâncias sociais e históricas, em que a obra, ou o objecto sobre o qual se debruça foi concebido, adoptando sempre uma posição reflexiva. Algo que, acaba por complementar as notícias da cultura, e ao passo do que acontece com as outras secções do jornalismo, tais como, a Política, Economia ou mesmo o Local, deve em termos éticos, alcançar e manter a sua independência de grandes corporações ou aparelhos políticos.

O jornalismo que actua sob a cultura surgiu como função social, em jeito de divulgação para as massas da população, temáticas, que estavam restritas ao campo da elites, principalmente ligadas às artes, filosofia e literatura. Segundo a autora Teresa Maia e Carmo, as primeiras referências midiáticas de carácter cultural em Portugal, foram, a “Gazeta Literária” e, “Notícias Exactas dos Principais Escritos Modernos”, em 1761.¹³

¹¹- PIZA, Daniel (2004) - Jornalismo Cultural. Ed. 2. São Paulo: Editora Contexto.

¹²- Ibidem, p. 65.

¹³- CARMO, Teresa e Maia. (2006): “Evolução Portuguesa do Jornalismo Cultural”

No início do século XIX, o número de revistas mostrou-se abundante e efêmero ao mesmo tempo. As revistas de cultura e pensamento, revistas literárias, nomeadamente de poesia, construíram as linhas gerais da nossa literatura, do pensamento e da política, como a *Presença* (1927) e o *Orpheu* (1915). Estas, constituem hoje uma das principais fontes da história cultural e política portuguesa.

Durante o regime ditatorial, surgem publicações como, *O Tempo e o Modo*, e a *Vértice*, que não só tratava de temas artísticos e literários, como também temas do foro político. (Carmo, 2006). A primeira, editada em 1963, foi de certa maneira, a expressão de um mau-estar generalizado em relação à sociedade em que se vivia. No decurso de meses, seguiram-se publicações que adotavam como finalidade, a expansão de horizontes de liberdade, a luta pela diversidade e pela diferença, a fomentação do diálogo e da discussão, com vista a desenvolver um olhar crítico sobre as grandes questões do século XX e a consciência de uma liberdade que se queria ver alcançada. Nestas publicações, assistia-se a um olhar desassossegado perante o mundo, mas acima de tudo, perante Portugal, o que revela, uma visão progressista, libertina e dissidente da produção jornalística cultural portuguesa.

Já, *Vértice*, foi uma revista portuguesa de cultura e arte, fundada em Coimbra no ano de 1942, a qual depressa se tornou um instrumento de resistência perante a ditadura do Estado Novo.¹⁴ Tratando-se de um exemplo de um projeto editorial de resistência portuguesa, ao cobrir uma vasta gama de temas no quadro da multidisciplinaridade e interdisciplinaridade, e desenhando-se como um espaço de intervenção cultural, um projecto de reflexão, de crítica e de debate. Entendia a cultura em sentido amplo, dando atenção tanto à criação literária, artística, filosófica e científica, como à realidade económica, social e política. Mais tarde, após o término da 2ª Guerra Mundial, assumiu-se como, “um projecto de renovação cultural que pretendia contribuir para a identificação, estudo e transformação dos problemas concretos do país e do seu povo. Daí que, mais do que revista de arte e cultura, a *Vértice*, pretendeu afirmar-se como “revista de cultura útil” na qual a teoria, deveria aliar-se à prática e o estudo à acção.”¹⁵

¹⁴- RAMOND, Viviane; LOURENÇO, Eduardo (pref.). *A revista Vértice e o neo-realismo português*. Coimbra: Angelus Novus, 2008, p.37.

¹⁵- (https://www.academia.edu/10012449/V%C3%A9rtice_-_revista_de_arte_e_cultura_1942-)

Neste momento, podemos imediatamente exercer um paralelismo entre uma imprensa que se diz intervencionista e uma imprensa estática, crua, repetitiva, directa, formatada, sem um discurso próprio, mas que segue a lógica de “imprensa de rebanho”.

Seguindo o exemplo da revista, *Vértice*, que se desenha como um projecto de resistência, de um certo ideal marxista, faz-nos pensar que, dadas as circunstâncias actuais, podemos também relançar este tipo de modelo jornalístico, em modo impresso ou online. Segundo a autora Dora Santos Silva, a oferta estende-se ainda a títulos, como a revista *Flama* e o *Século Ilustrado*.¹⁶

Após o 25 de abril de 1974, ocorre em Portugal, uma espécie de explosão de manifestações culturais até aí reprimidas e censuradas pelo Estado Novo, e o próprio jornalismo cultural ganha mais destaque nos meios de comunicação ¹⁷(Mota, 1986), sendo que, com o decorrer dos anos e o aumento gradual da liberdade de expressão, vários novos títulos nasceram, tais como, *O Jornal*, *O Tempo*, *A República*, *Jornal Novo*, *A Luta*, etc. (Carmo, 2006).

Prosseguindo neste retrato temporal do jornalismo cultural português, situando-nos agora na década de 1980 do Século XX, os diários começam a ter suplementos de natureza cultural com periodicidade semanal, especialmente focados na difusão de informação sobre a agenda cultural do país. Sabe-se que os suplementos culturais desempenham um papel importante no jornalismo, pois contribuem abertamente para uma amplificação e dinamização do papel da cultura que, de outra forma, dificilmente teria o mesmo espaço e especificidade no âmbito das publicações generalistas. Convém sublinhar, em jeito de interjeição, que o papel destes suplementos é de extrema importância para o campo da cultura, caso contrário se fosse cedido a este campo apenas um espaço de uma página nos diários generalistas, conforme a tendência actual, a cultura praticamente não assumiria qualquer expressão relevante. No meu caso em particular, por exemplo, e numa tentativa de relacionar o tema com a experiência do Estágio, foi após uma experiência com activismo artístico no ramo editorial independente, em Berlim, que tentei trazer para Portugal, para o *Ípsilon*, esse mesmo campo cultural que não é muito explorado, ou seja, trazer um tema que pode oscilar desde o ensaio, à posição crítica não só dos autores, dos artistas, mas do próprio jornalista.

¹⁶- SANTOS, Dora Silva: “Tendências para o jornalismo cultural”, 2009, p.94.

¹⁷- MOTA, A. 1986, "Jornalismo Cultural: o avatar e o voto". Actas do II Encontro Afro-Luso-Brasileiro: Lisboa, p. 89-94.

Entre a novidade cultural onde se enquadra o novo filme, o novo disco, o novo livro, a agenda de concertos e exposições, tentei trazer para cima da mesa uma reflexão sobre um objecto artístico, que não incide necessariamente na abordagem do “eu” do artista, do ego, da sua presença em mercados, feiras e leilões, mas antes, uma mostra e um “dar a conhecer” de manifestações de cultura que vão para além da forma convencional, que se inserem no campo da “cultura útil”, do “artista social”, do campo da arte social.

Voltando à história, foi no período de 1980, que eclodiram as indústrias culturais em Portugal e estes mesmos anos, revelam-se como palco para uma crescente segmentação e especialização nos media, aparecendo nesta altura os primeiros jornais e revistas dedicados à cultura, como os semanários, *Se7e* e *Blitz*, por exemplo, que não só acompanhavam a cena artística portuguesa, como criavam tendências e vanguardas. Os mass media pareciam encontrar um mercado crescente para os seus produtos, fazendo uso dessa nova fatia de espaço público.¹⁸ Esta mesma abordagem e informação relativa aos temas culturais expandiu-se assim para os títulos generalistas, que criaram editorias exclusivas de cultura.

“A partir de meados dos anos 80, o termo “cultura” começou a ser indissociável das indústrias culturais, e nos finais dos anos 90, das indústrias criativas, no seio das quais o jornalismo cultural sofreu também profundas alterações.” (SILVA, 2009:92).

Convém ainda reflectir sobre que, segundo Dora Santos Silva, “a partir da segunda metade do século XIX, o com o surgimento antropológico de cultura, esta deixou de ser exclusiva das elites e estendeu-se ao povo, ficando conhecida como cultura popular. O jornalismo cultural começou a reflectir a dicotomia “cultura clássica” e “cultura antropológica”. Ao longo do século XX, a cultura de massas conjugou “os ideais de progresso humanista oriundos da cultura iluminista” e a diversidade de práticas e costumes da cultura popular, originando uma cultura a que o autor, Garcia Canclini intitulou de híbrida. Perante este cenário, o jornalismo cultural refletiu este hibridismo e passou a interessar-se cada vez mais pelos produtos da cultura de massa.” (SILVA, 2009:93)

¹⁸ AZEVEDO, Celiana: O que mudou no Jornalismo Cultural no Diário de Notícias entre os anos 2000 e 2010?”. II Congresso Anual de História Contemporânea. Universidade de Évora, 2013. p. 130

Já no século XXI, entre o período de 2000 e 2010 por exemplo, assiste-se a panorama rico e diversificado com mais suplementos de natureza cultural, o Diário de Notícias com o DNA, DNAMAIS e DNAMÚSICA; o diário Expresso, com o Cartaz que foi substituído em 2003 pelo Actual, e depois em 2015, pelo E, de forma a enumerar alguns exemplos que existiram na década em questão. Todavia, ao longo desse tempo, o cenário foi-se alterando, reflectindo as diferentes crises que atravessaram vários sectores. Começou a observar-se a existência de menos suplementos, o fim de cadernos temáticos, abordagens mais generalistas, redacções com menos jornalistas e colaboradores, muito menos participação de protagonistas do campo cultural na produção de conteúdos como críticos, ensaístas, filósofos, artistas assim como, menos páginas dedicadas a temas da cultura, menos artigos de crítica e mais entrevistas e reportagens. Indícios que parecem comprovar que o jornalismo cultural não ocupa assim um lugar muito importante no panorama da imprensa portuguesa.

Ainda assim, e recorrendo novamente ao estudo publicado no livro, “*Cultura na Primeira Página*”, Carla Baptista afirma que, “os jornais não são todos iguais em termos de cobertura jornalística dos temas de cultura. Há pelo menos um que se destaca - trata-se do PÚBLICO - que contraria uma tendência generalizada de redução do número de peças culturais na primeira página, quando comparamos os anos 2000 e 2010. Aquele diário não só publicou em 2010 um maior número de peças culturais como lhes deu maior destaque, já que também aumentou o nº de manchetes relacionadas com a cultura, passando de 30 em 2000 para 39 no final da década.”¹⁹. 13

No entanto, e de acordo com o mesmo estudo, destaca-se ainda, a confirmação de que “o jornalismo cultural foi certamente um dos subcampos mais afetados pela crise económica que atravessa o jornalismo. Dentro das administrações dos jornais, com exceção do PÚBLICO, as notícias culturais são consideradas mais dispensáveis do que as restantes. Vários jornais, incluindo o PÚBLICO, foram eliminando suplementos centrados nas diversas artes e todos eles reduziram o número de colaboradores e críticos externos especializados.”²⁰

Não podemos também deixar de reflectir sobre uma espécie de crise de identidade que este mesmo jornalismo parece vir a atravessar, isto pelo “conflito” ou “mistura” entre

¹⁹ BAPTISTA, Carla (coordenadora): “*Cultura na Primeira Página*”, O lugar da cultura no Jornalismo Contemporâneo”. Ed. Mariposa Azul, Lisboa: 2014, p. 13.

²⁰- Ibidem, p. 19.

promoção e jornalismo, da subordinação do campo jornalístico a uma lógica de mercado. Este, parece ser um dado dos tempos. Tal facto comprova-se pelo tipo de acontecimentos noticiados com maior regularidade, isto é, as estreias de cinema, os lançamentos de discos, os concertos e as datas e confirmações para os festivais de Verão, onde, de todos estes, a música, o cinema e a literatura assumem o pódio dos temas de cultura mais escritos.

“Os acontecimentos culturais mais destacados pelos jornalistas parecem apontar para esta tendência de comprimir o tempo de partilha da vivência do acontecimento entre quem escreve e quem nele participa - é disso sinal a importância crescente do tema dos festivais de música e cinema, encarados como um momento festivo de partilha e fruição de novidades, desligado de uma reflexão crítica sobre o seu valor artístico.”²¹

Noção esta que não indica necessariamente, que seja recorrente no Ípsilon, sendo mais evidente na agenda cultural dos diários populares. O Ípsilon, na maior parte dos seus conteúdos, adopta um discurso analítico, crítico e interpretativo, opinativo e fundamentado, como já fora mencionado acima. De cariz mais especializado na Literatura, e dedicado inteiramente à cultura, destaca-se ainda o *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, que é editado há mais de 30 anos.

Em termos de sectores que ocupam mais páginas culturais nos media portugueses, comprova-se novamente, que é “a indústria cinematográfica e discográfica. O grande impacto que o cinema e a música tem no jornalismo cultural tem a ver com a máquina de marketing que está por trás destes dois sectores: grandes produtoras cinematográficas e discográficas, que alimentam celebridades, implicam estratégias de comunicação e divulgação muito eficazes, e, logo, muito poder.” (SILVA, 2009:98)

Assiste-se assim a essa abordagem clássica, da “cultura superior” por assim dizer, e ainda a uma “cultura de tendências”, esta última alargada aos produtos das indústrias criativas e culturais, em revistas alternativas como a *PARQ*, por exemplo, que se dedica fundamentalmente ao design, à moda e ao lifestyle. (SILVA, 2009:95)

Ou, a revistas como a *Time Out*, que funciona uma lógica de incitar ao consumo e a uma agenda de eventos, carecendo de posicionamento crítico ou reflexivo. Temos ainda os jornais gratuitos, onde “cultura” é apelidado de “lazer”, e onde a calendarização impera.

Apesar do Ípsilon adoptar por vezes uma visão antropológica da cultura, a qual abarca cultura de elite (com a trindade temática, cinema, música e literatura), juntamente com uma

²¹ Ibidem, p. 18.

cultura de massas onde também cede lugar a uma agenda cultural, este destaca-se também como um tipo de publicação que por vezes, exerce também, embora não de forma recorrente, uma abordagem a grandes temas sociais, políticos e económicos estruturantes, a partir de uma abordagem cultural. “As publicações portuguesas focalizam-se muito na obra do artista. Ora, a cultura tem de começar a ser utilizada num sentido mais lato - aquilo que somos, em constante mudança. Por um lado, *mediatizar* a cultura é muito mais do que cobrir entretenimento. Os jornalistas culturais têm também de se aperceber de que cultura é uma indústria e portanto deve ser abordada igualmente, do ponto de vista económico e político, e não apenas da criação artística e entretenimento. Por sua vez, há também que cobrir os assuntos variados de um ponto de vista cultural. Se uma medida governamental pode ser abordada do ponto de vista político ou económico porque não fazê-lo também do ponto de vista cultural?” (SILVA, 2009:105)

Quando falamos na questão da sensibilidade dos media, é relativo a esta mesma noção, de transportar para o campo da cultura, para aquilo que se entende como jornalismo cultural, uma espécie de, adopção de um conceito sócio-antropológico, um conceito de cultura alargado, que inclui os processos sociais, as subculturas, os processos de hibridação, no fundo, aquilo que somos enquanto criadores, receptores e formas de cultura, e em que campos de acção podemos actuar, de forma a levantar determinadas questões que estariam apenas subjugadas ao campo do ambiente ou da sociedade por exemplo, numa perspectiva cultural, artística. Ir atrás de exemplos, portugueses ou não, que se baseiam nas questões urgentes da cultura para criarem um objecto artístico.

Encontramos abordagens inovadoras da cultura em plataformas como: andante.com ou artsjournal.com, onde se assiste à relação das artes com a política e a economia. (SILVA, 2009:104)

2.2 - Revistas especializadas com base em Portugal

Ao nos debruçarmos sobre o tema dos suplementos culturais em Portugal, aparentemente só nos resta apenas um exemplo, o Ípsilon, um suplemento generalista que não se prende apenas a um tema e que em termos de acessibilidade é bastante económico, o qual pode ser adquirido em venda conjunta com o primeiro caderno, PÚBLICO. No entanto, se explorarmos um pouco mais sobre o que é feito a nível editorial no campo das “artes”,

podemos encontrar títulos portugueses, desde a revista, *Umbigo*, passando por, a *Contemporânea*, até à *Re.vis.ta*. Adiante, parece haver um certo nicho de mercado, um público-alvo como também, fiel, especializado, específico, para este tipo de publicações, especialmente em relação às três primeiras publicações.

O problema que se coloca aqui é que, por estes títulos serem tão focalizados no mercado da arte contemporânea, os conteúdos que criam, (os seus temas de preferência), baseiam-se fundamentalmente em discursos, obras, artistas, exposições de artistas visuais e plásticos, ficando assim de fora outras formas de expressão artística (cinema, música, literatura), como as conhecemos, as quais encontram mais expressão nas editorias de cultura dos jornais generalistas e no suplemento como o *Ípsilon*. Embora também aqui, o factor surpresa assuma um lugar de importância, do facto de não sabermos por exemplo, o que vai se vai abordar no próximo número impresso, assim como no *Ípsilon* (apesar de que este, como tem uma presença diária online, por vezes, durante o decurso da semana, dando “pistas” ao leitor, do próximo tema de capa), é no entanto um tipo de media mais exclusivo, mais caro em termos económicos, menos acessível, mais “circunscrito” a um tipo de público jovem, interessado, entusiasta das artes plásticas e visuais, artistas, curadores, colecionadores, e não dirigido a uma cultura de massas.

Reforçando a ideia de que, em cada um destes títulos, a cultura assume o seu valor “superior” de belas artes. Começemos pela *Umbigo*, segundo se pode ler na sua plataforma online oficial, assume-se como, “uma revista impressa de lustre, sobre arte, cultura, moda e lifestyle, publicada quarta vezes por ano, com uma presença online diária e actualizada.” (tradução minha)

Assim, com periodicidade trimestral, a *Umbigo* nasceu a junho de 2002, a qual “surgiu da necessidade de colmatar um espaço em Portugal, devido à inexistência de revistas relacionadas com arte e cultura.

De início dedicada ao tema do corpo como expressão artística, tem passado por diversas transformações, alargando a sua temática e tornando-se mais abrangente”, conforme se pode ler.²²

²² <http://umbigomagazine.com/pt/historia/>

Ao longo dos anos, a atividade desta publicação artística, estendeu-se também a projetos de curadoria de arte contemporânea, com exposições regulares em galerias e espaços não convencionais.

“Atualmente a *Umbigo* afirmou-se no panorama editorial português como um projeto ímpar no campo da arte, moda e cultura, transformando-se desde o primeiro número num objeto de culto, colecionável e acarinhado por um número crescente de leitores.” “A partir de 2017, a *Umbigo*, passou a ser uma revista bilingue, com o lema “From Portugal to You”, vocacionada para a divulgação e promoção da arte e cultura portuguesa, bem como com uma forte componente de arte internacional.” Um projecto, que conta também com uma distribuição internacional na Europa, Estados Unidos da América, Canadá, Austrália, Brasil. Relativamente aos títulos destacados acima, confirma-se que esta revista não é apenas uma revista direccionada para a arte contemporânea *per se*, produzindo artigos nas respectivas categorias: arquitectura, arte, beleza, cinema, design, fotografia, joalharia, literatura, moda, música, palcos e vídeo, apesar que certas categorias como cinema, literatura e palcos, são das categorias que menos páginas de conteúdos têm.

No entanto, confirma-se que a *Umbigo* é um título sobre “cultura”, tanto nacional como internacional, sendo que também a nível de publicidade na sua plataforma online, esta é mais direccionada para instituições museológicas como o MAAT, por exemplo, o que indica essa predileção pela arte contemporânea, e de não ocupar a sua plataforma de divulgação e promoção de arte e cultura, com publicidade e marketing de empresas não relacionadas com esses mesmos campos. A nível impresso, segue a mesma linha editorial do site, onde os seus artigos são na sua maioria de reflexão, críticos, como também, artigos em jeito de “cartaz”, com o propósito de anunciar exposições, por exemplo.

De um modo geral, penso que é um projeto muito bem conseguido, o qual se mantém actual desde a sua criação, e o único, (a meu ver), que tem uma oferta a nível de arte e cultura, para ler e ver, onde não se encontra em Portugal, considerando-o até, um projecto ímpar na esfera editorial cultural portuguesa. A *Umbigo*, foi criada por Elsa Garcia e António Neu. Avançamos, para a *Contemporânea*, uma publicação que começou por ser digital, mensal, fundada por Celina Brás, em Abril de 2015, dedica-se “à divulgação da arte contemporânea — um espaço aberto ao pensamento, à reflexão crítica e ao entendimento da criação contemporânea e da inscrição das suas práticas num contexto global. O objectivo principal da revista é a promoção e divulgação da arte contemporânea produzida em Portugal,

não descurando outras perspectivas no âmbito das várias práticas artísticas contemporâneas que privilegiem o debate e a reflexão crítica”²³, conforme se pode ler na sua plataforma digital.

Acrescentando que, “a revista inclui vários formatos: crítica, ensaio, entrevista e reflexões várias sobre arte e cultura contemporânea. Integra também, projectos de artistas e uma agenda de exposições actualizada semanalmente. A versão em papel da *Contemporânea* surge em 2018, numa vertente temática, com o objectivo de criar edições de cariz curatorial. Para tal, é endereçado um convite a um diferente curador, com o objectivo de criar conteúdos diferenciados, privilegiando formatos e visões singulares, em função da especificidade de cada tema”.

Aqui, a diferença do suplemento Ípsilon para este título é ainda mais atenuante, no sentido em que, é uma revista fundamentalmente focada na produção e exposição de arte contemporânea, não abrangendo outras categorias da “cultura”, centrando-se essencialmente em artigos longos, com uma linguagem cuidada e uma curadoria visual apurada. Também, tem como um dos seus elementos, a “agenda cultural”, contudo, não é algo que defina o projecto, pois as peças escritas na plataforma são quase todas elas de teor reflexivo, adoptando a lógica de texto corrido, de leitura de grande duração, e não adopta qualquer traço de texto noticioso.

Por fim, apresentamos a *Re.vis.ta*, cujo lema orientador é, arte / reflexão / crítica, contando apenas com cinco números desde a sua criação em 2016, até à actualidade. Projecto que, deu continuidade a uma publicação prévia, nos mesmos moldes - *Revista 4* - que assentava na reflexão, crítica e divulgação com foco nas artes visuais e particular incidência na produção artística contemporânea. Focada assim no campo artístico português, considera de forma veemente as relações com o contexto internacional, circunscrevendo-se num espectro de acção abrangente e simultaneamente condicionado, com uma equipa de quatro elementos fixos. Segue o caminho da autopublicação e da impressão em papel, e cada número é editado respeitando o tempo necessário para se aproximarem dos objetivos a que se propõe a cada momento. A plataforma digital onde reside a *Re.vis.ta*, tem como objectivo arquivar e divulgar os números já previamente publicados com excepção do mais recente que se encontra nas livrarias, disponível para venda.²⁴

²³ - <https://contemporanea.pt/contactos>

²⁴ - <http://re-vis-ta.com/>

Em jeito de arquivo, os artigos publicados nos diversos números da publicação, (à excepção do número mais recente), podem ser consultados no site. A presença desta revista online praticamente inexistente, não tendo por norma a divulgação de conteúdos diários nos seus canais, como ao mesmo tempo não adota a perspectiva de agenda de exposições, como o faz a *Umbigo*, por exemplo.

2.3 - Testemunho de uma voz redatora do Jornal A Batalha - Entrevista realizada dia 02/08/2018 (duração de duas horas)

António Baião, membro da redacção do Jornal A Batalha, do Alentejo, estudante de Doutoramento em Filosofia no Minho, que se encontra a desenvolver o tema: O cruzamento entre o anarquismo e o pós-estruturalismo. De acordo com a sua resposta ao meu e-mail de apresentação, António mencionou que, “de facto uma das preocupações que eu tenho e os outros redactores também terão em menor ou maior escala, é, qual é a situação do espaço público actualmente, e como é que há discursos de poder que nós inconscientemente recebemos e nem percebemos que nos estão a ser impostos”, “o nosso objectivo é tentar desconstruir isso a pouco e pouco.”

Um pouco de história: “em 1919 o jornal surge, ligado a uma Confederação Sindical, que era a União Operária Nacional. Nesse mesmo ano, esta desaparece, e surge o primeiro anarco sindicato, onde a ideologia de base é o sindicalismo revolucionário, que é CGT (Confederação Geral do Trabalho), que se aguenta até à ditadura militar em 1926, o jornal fecha precisamente em 31 de Janeiro de 1927. E depois, resta à Batalha, sobreviver na clandestinidade. Ainda na década de 1920, A Batalha tem uma preocupação em ter 2 publicações, 2 revistas que têm um folgo mais doutrinário, pedagógico, cultural - é o suplemento literário ilustrado da batalha (entre 23’ e 27’) - e depois uma publicação que se chama - **Renovação** - que é dedica mais à questão da arte. Mas o diário tinha outra preocupação que era mais directamente com o operário. Durante a clandestinidade vai-se publicando, há muitos sindicalistas que vão sendo presos, e depois a partir de 1974, Emídio Santana decide reativar a Batalha. Este morre em 1987, e desde aí à actualidade vai tendo uma vida complicada, o corpo redactorial (praticamente composto só por duas pessoas) agarraram a Batalha e permitiram que esta se continuasse a publicar.

Depois surge uma geração nova há 2 anos, que decidiu que A Batalha tinha potencial, para fazer uma coisa engraçada, pensar o anarquismo no contemporâneo”, conta António.

“É um jornal de expressão anarquista, essencialmente anti-autoritário, não se impõe ao leitor, nem impomos aos colaboradores o que eles devem escrever. De cultura libertária, que tem espaço para publicar o que eles desejarem. Queremos romper com a esfera nacional, é uma concepção redutora e provinciana, pensar que só nos devemos concentrar na questão portuguesa.”

“A sensação que nós dá, agora que começamos a redistribuir o Jornal por Lisboa, Porto, Évora, Setúbal, Parede, é que, quem vai comprar aos quiosques, ou à Zaratan, é a geração mais nova. Acho que a luta que temos que ter hoje em dia, é a luta cultural, porque de facto estamos perante uma realidade de homogeneização, higienização da forma de criar, da forma de produzir, da forma de distribuir, da forma de assistir. Tens mercados editoriais cada vez mais fechados e concentrados em grandes grupos, e as margens deixam de ter hipótese de entrar no mercado, não têm distribuição”, acrescentando, “o que se nota é que o mercado mainstream foi completamente comido pelas grandes editoras e isso vê-se em tudo, na música, no cinema.”

“Repara, os grandes jornais em Portugal são comprados pela SONAE, Impresa. Não leio nenhum jornal em Portugal, a não ser os suplementos culturais. Quando estás dependente de grupos económicos, não tens grande alternativa, vais ter que fazer *reviews* do disco que saiu dos Capitão Fausto ou da Aldina Duarte, ou vais ter que fazer recensões críticas dos livros da Porto Editora, e tudo o que está à margem não entra.”

Aquando da frase que me foi dita em situação de estágio, “nós fazemos jornalismo, não activismo”, António diz-nos que, “isso é um problema grave, fazer uma divisão tão clara nos tempos que correm entre dois tipos de discurso que sempre andaram de lado a lado, o jornalismo que é o discurso de espaço público, com o activismo que é a projecção desse discurso para a acção real.”

“A minha ideia para o jornal era que este fosse focado nas questões de cultura, porque o espaço noticioso e informativo já está ocupado (e bem), pelo Jornal Mapa (por exemplo). A única preocupação que eu tenho é com o espaço cultural, o espaço público verdadeiramente.

Porque se o espaço público está restringido a um tipo de discurso muito informativo, muito neutralizado, lê-se o Expresso, e lê-se o PÚBLICO, e aquilo é a mesma linguagem.”

“Há tipos de discursos ligados ao jornalismo que se perderam completamente, o panfletarismo, a sátira, e nós queremos de certa forma trazer isso. É uma perspectiva cultural. Eu sinto isso, não existe uma publicação, um jornal que fale das coisas feitas à margem, ou seja, fora deste centro homogeneizado do poder cultural.” Ao que pergunto, o que é que existe à margem? “Existe tanta coisa, mas é preciso divulgar isso, essas pessoas precisam de estabelecer relações com colectivos que também não conhecem, aproximarem-se, e de certa forma criar uma comunidade. E a Batalha, serve para esses colaboradores que estão curiosos, que estão a ver os concertos marginais, que estão a ler as edições independentes, que estão a ir às feiras de zines. Tentar mostrar a essas pessoas que não querem jogar o jogo do sistema dominante, que têm outros propósitos, que é preciso dar a conhecer, fazer uma espécie de divulgação, perguntar-lhes se querem fazer um artigo para um jornal em papel”

“Há espaço para o jornalismo independente existir em Portugal, muito pela razão de que existem várias pessoas que estão interessadas em comprar ou em colaborar com publicações, ou em consumir meios de comunicação independentes.

E o que é que é um meio de comunicação independente? É algo que não está vinculado a nenhum interesse ligado ao mercado, à configuração do nosso mundo actual, não os vêes no mainstream.” Ao que se interroga prontamente, “como é que consegue financiamento para isso?”, e António diz-nos, “através de doações, das assinaturas, das subscrições e de vender o jornal, mas não fica capital nenhum para pagar aos colaboradores, nem à redacção, nós fazemos isto porque queremos fazer isto fora do nosso trabalho. Porque é de certa forma, uma forma de activismo, um compromisso com tentar de certa forma dar vida a um espaço público cadavérico.”

“Acho que o jornalismo independente tem uma responsabilidade social muito grande, que é, não só reflectir acerca do estado actual do espaço público, do estado dos meios de comunicação, tentar compreender quais é que são os discursos dominantes e quem é que está a exercer domínio sobre os discursos, e impô-los ao leitor. Não só compreender isso, como mostrar isso ao público. Porque é que só certos livros (fnac, continente, feira do livro) que encontras com 30% de desconto é que são recenseados? Mas não há mais nada fora disso?”

“Não remeter as pessoas ao silêncio, isso é uma morte abrupta. De certa forma, isso é o trabalho da Batalha. A Batalha é uma espécie de arquipélago, tem várias ilhas (preocupações). A perspectiva é esta, tentar ver quais é que são as lacunas que existem, e tentar responder a essas lacunas. E há várias, se se escreve sobre o mesmo, há várias histórias que vão ficar de fora. É preciso uma perspectiva crítica, a postura da neutralidade para nós não se coloca. Os jornais independentes têm cada vez mais sentido de existência, a partir do momento em que tudo é igual.”

A voz e o testemunho de António Baião inserida neste contexto de relatório de estágio, como uma voz externa, mas ao mesmo tempo a par da realidade jornalística, serve para comprovar que primeiro, os suplementos culturais têm uma maior importância no contexto editorial, e que é importante que as temáticas ligadas às margens, seja pela expressão que for, são um factor essencial de problemas que por outra via, ficariam remetidas ao silêncio, ou seja, à invisibilidade.

Parte III - Sensibilidade nos media - imprensa (alternativa e independente) de carácter intervencionista

3.1 - História e contexto dos media alternativos

Partindo de um conjunto de leituras teóricas, especificamente, do livro “Alternative Media”, de Chris Atton, somos imediatamente confrontados com uma afirmação de Roger Silverstone, no seu livro “Why Study the Media?” (1999), que nos diz, “a *media* alternativa tem criado novos espaços para as vozes alternativas, que fornecem o foco tanto para interesses específicos da comunidade, como para o contrário, e para o subversivo”.²⁵

De acordo com uma perspectiva histórica, e segundo as minhas leituras, a produção de media pelas comunidades e por parte da classe trabalhadora, ocorre já há cerca de dois séculos ²⁶, desde finais do século XVIII e inícios do século XIX. Mais tarde, nos anos 1990, desde a explosão do formato zine e fanzine (1980), “os novos movimentos sociais, centrados no ambientalismo e no anarquismo, na proeminência da acção directa e na organização de base a nível de protestos, também se comprovou como território fértil para a produção de media alternativa.”²⁷

²⁵- ATTON, Chris - “Alternative Media”, SAGE Publications Lda. Reino Unido, 2001, p. 2.;

²⁶- Ibidem, p. 2;

²⁷- Ibidem, p. 3.

A questão coloca-se, como se pode definir, este tipo de media? Seguindo alguns traços, que julgo os mais importantes, que caracterizam este conceito, de “*media* nas margens”, pode ser assim apresentado nos seus traços distintos: primeiro, pelos diferentes acessos que tem em relação à imprensa mainstream, construindo as notícias segundo os seus próprios valores, explorando ou exibindo outras interpretações das histórias, apresentando-as de uma forma distante do formato de “notícias”. Segundo, “desenvolver *media* de forma a encorajar e normalizar tal acesso, onde pessoas de classe trabalhadora, minorias sexuais, sindicatos e grupos de protesto, possam fazer as suas próprias notícias, seja por aparecerem como protagonistas, ou, como criadores de tais conteúdos relevantes para as suas distintas situações.”²⁸

Em terceiro lugar, aponta-se para a faceta mais activista deste tipo de media, que segundo o autor, baseia-se “na filosofia ativista em criar informação para ação²⁹ (...) lidar com assuntos emergentes, promovendo a mudança no foro social.”³⁰

Em quarto lugar, o autor faz um apontamento importante, que diz, por outras palavras que, expõe perspectivas ou lida com pessoas que não têm a cobertura das publicação que normalmente se encontram à venda nas bancas. Em quinto lugar, o editor tem que ser não-comercial, demonstrando que a preocupação básica por ideias, e não pelo lucro, é a motivação da publicação. Em sexto lugar, o autor fala também da produção independente, como um processo democrático e coletivista, aliado a um compromisso com a inovação e a experimentação, na forma e no conteúdo.³¹

De forma a concluir este ponto, apontamos ainda, como características deste tipo de *media*: a independência comercial, e a liberdade jornalística que a primeira traz; a independência editorial de partidos políticos e organizações³²; o empoderamento de comunidades específicas de interesse, assim como, perceber que este tipo de cultura alternativa de que se fala aqui, procura espaço para coexistir dentro da hegemonia existente, e não substituir o velho modelo.³³

²⁸- Ibidem, p. 11

²⁹- Ibidem, p. 12;

³⁰- Ibidem, p.14;

³¹- Ibidem, p.15;

³²- Ibidem, p. 17;

³³- Ibidem, p. 19;

No fundo, existe uma responsabilidade social aliada à expressão criativa, algo que deve também ser lido como um dos focos deste tipo de publicações. De forma sucinta, e antes de compararmos este modelo de media alternativa com o modelo vigente de imprensa mainstream, dizemos que, os valores basilares, no qual a primeira assenta podem ser tidos como: a participação activa, o acesso aberto, a democracia directa e a colaboração/organização horizontal.³⁴

Segundo uma lógica de comparação, denotamos as seguintes diferenças: “a imprensa mainstream compreende os meios de comunicação de massa, como a televisão, rádio e a imprensa que é a propriedade de uma dada empresa, que por esta é controlada e governada”³⁵, acrescentando ainda que o papel desta passa por, “enquadrar a agenda de notícias, estruturar o debate e criar o que nós entendemos como a realidade em que vivemos, neste sentido, estes meios de comunicação desempenham um papel hegemónico na nossa sociedade - as suas percepções e interpretações do mundo, tornam-se senso comum. É este senso comum que tem de ser, ao mesmo tempo desafiado por aqueles que procuram algum tipo de mudança social.”

Já a imprensa alternativa, “é aquela que é produzida pelos próprios ativistas, e alguns grupos mais radicais como o Indymedia, que foca principalmente na produção dos seus próprios conteúdos.” A Internet, devido às suas infinitas possibilidades de acessibilidade, participação, rapidez e eficiência, foi algo que teve um papel crucial no lançamento de tais plataformas como - Indymedia - precisamente pela interconectividade, do facto de que as redes sociais digitais inauguraram, um novo modo de acção.³⁶

Esta rede global - Indymedia - já espalhada pelos 5 continentes, serve como uma plataforma para activistas e jornalistas, como um fórum para cobrir protestos que podem ser locais, a algo que alcance a globalidade. É uma forma de fazer ativismo, pela sua ferramenta de publicação aberta, flexibilidade e descentralização, que assegura um espaço para todas as vozes, demonstrando-se assim, uma ferramenta democrática e transparente. “O Indymedia representa uma forma de media cidadã, ao invés de *media* de consumo, através da

³⁴- In Artigo - “The New Digital Media and Activist Networking within Anti-corporate globalization movements”, by Jeffrey Juris. *The ANNALS of the American Academy of Political and Social Science*, Vol 597, Issue 1, 2005, p. 202;

³⁵- DE JONG, Wilma, SHAW, Martin, STAMMERS Neil - “Global Activism, Global Media”. Pluto Press, 2005, p.6.

³⁶- In Artigo - “Democracia e comunicação nas redes sociais digitais: o net-ativismo para além da participação sem partidos”, by José Bragança de Miranda e Marina Magalhães. PAULUS: Revista de Comunicação da FAPCOM, 2018, p. 54.

transparência do processo, desfocando as linhas entre produtor e público, e não uma confusão de linhas entre o editorial, publicidade ou financiamento.”³⁷

Este equilíbrio entre ativismo e produção de media alternativa, encontrado na ferramenta, Indymedia, tem assim um papel duplo: “o primeiro é no sentido de apresentar notícias e informação de activistas pelo mundo inteiro, e fornecer perspectivas e vozes alternativas. O segundo, serve como uma ferramenta organizadora no seio de uma comunidade activista para disseminar informação sobre futuros protestos.”³⁸

3.2 - Exemplos de títulos portugueses “nas margens” e de títulos internacionais

Seguindo esta lógica de espaços de autonomia que se apresentam como distantes do controlo do governo e das empresas, no qual incorre, uma “visão humanista que interpreta o net-ativismo como a expansão digital da esfera pública, como espaço para uma democracia mais participativa diante da crise política ocidental”³⁹, apresenta-se agora uns exemplos ilustrativos desse tipo de imprensa, em Portugal.

Começamos pela plataforma (apenas em formato online), [AbrilAbril](#), que se apresenta como um “ espaço de notícia e actualidade para dar expressão ao vasto campo democrático que busca uma informação liberta do poder dominante dos órgãos e agências de comunicação social ao serviço de indisfarçáveis interesses do poder económico.”⁴⁰ Independente de publicidade, ou qualquer tática de marketing.

Depois, um título que é também opera exclusivamente no online, e mais de acordo com uma prática de jornalismo local, em Lisboa, que se chama, [O Corvo - Sítio de Lisboa](#), também uma plataforma que não depende de fundos publicitários ou partidária, a qual nasce da, “constatação de cada vez se produz menos noticiário local. A crise da imprensa tem a ver com esse afastamento dos media relativamente às questões da cidadania cotidiana, (...) pratica

³⁷- Id. The New Digital Media and Activist Networking within Anti-corporate globalization movements”, by Jeffrey Juris, p. 172.

³⁸- Ibidem, p. 172

³⁹- Id. “Democracia e comunicação nas redes sociais digitais: o net-ativismo para além da participação sem partidos”, by José Bragança de Miranda e Marina Magalhães, p. 39.

⁴⁰- Disponível em: <https://www.abrilabril.pt/quem-somos>

jornalismo independente e desvinculado de interesses sejam, políticos, religiosos ou comerciais.”⁴¹

Sublinha-se ainda, a plataforma, [Fumaça](#), que deixou de ser apenas um podcast, após terem recebido uma bolsa de 80 mil euros de apoio ao jornalismo independente⁴², e descrevem-se precisamente como um projecto de jornalismo independente, progressista e dissidente, e que, ”quer escrutinar a democracia, questionando as decisões políticas de quem é nomeado ou se faz eleger, procurando fiscalizar e responsabilizar as suas ações, quer ouvir representadas e representados, especialmente as camadas da população que têm menos voz”. Ainda, dentro das suas linhas definidoras, convém realçar que se aponta como um projecto onde rege a transparência, e que “não pratica a ditadura da rapidez, do imediatismo e da voracidade da informação sem tempo para ser executada”⁴³, distanciando-se desta forma de qualquer modelo de jornalismo tradicional vigente.

Por último, convém ainda salientar um dos centros locais do Indymedia, já descrito acima, esse fórum online, aliado à ideia de uma globalização anti-corporativa, que edita, organiza, coordena acções, partilha informação e produz documentos - [Indymedia Portugal](#) - que nasce nos “finais de Novembro de 1999, em Seattle, para criar um Centro de Meios de Comunicação Independente e cobrir os protestos contra a OMC⁴⁴ (Organização Mundial do Comércio), ou World Trade Organization.

3.3 - Teorização para a criação de um modelo de “jornalismo sustentável” intervencionista em Portugal

No passado dia 22 de Setembro de 2018, Matthew Lee, editor da revista Delayed Gratification, deu uma palestra na loja de revistas independentes - Manifesto - no Porto, sobre, “why slow journalism matters”. Matthew, que também é o co-fundador e editor associado da empresa, The Slow Journalism.

Primeiro, convém aqui reforçar a ideia de que, no jornalismo tradicional, o foco na velocidade e na imediatez de “querer ser o primeiro a chegar”, faz com que as notícias sejam

⁴¹- Disponível em: <https://ocorvo.pt/>

⁴²- In Jornal Público: [É Apenas Fumaça ganha bolsa de 80 mil euros de apoio ao jornalismo independente](#), (2018, Abril 19)

⁴³- Disponível em: <https://fumaca.pt/sobre/>

⁴⁴- Disponível em: <http://www.portugal.indymedia.org/conteudo/indymedia>

90% evento e pouco processo, onde a informação e a quantidade são muitas vezes confundidas com conhecimento e qualidade. Então o que é esta corrente que parece vir contra esse modelo convencional, mainstream do jornalismo?

Segundo Matthew Lee, de acordo com a entrevista que lhe foi feita, no site da Manifesto, este diz-nos que, segundo tradução minha, “o jornalismo lento é sobre abrandar o ritmo do ciclo das notícias, de forma a produzir jornalismo com profundidade, precisão, contexto e perspectiva. (...) A obsessão por parte dos meios de comunicação com notícias de última hora, e raramente darem um passo atrás para tentar perceber de que forma é que as notícias afectam as vidas das pessoas, e as coisas mudam a longo prazo. Não estamos a advogar o Slow Journalism como uma alternativa às notícias rápidas, mas achamos que é saudável ter canais que ofereçam perspectivas lentas, para complementar o panorama dos media mainstream.”⁴⁵

Servindo assim como uma espécie de alternativa, é nesta linha de pensamento que proponho um novo modelo de jornalismo, que assenta em valores como, carácter intervencionista, crítico, parcial, aliado à criatividade, que o foco primário seja atender às necessidades do agora, interactivo, dinâmico, inclusivo, activista, não isento. Tempos urgentes chamam por medidas urgentes, e o jornalismo pode exercer essa prática mais em diálogo com as comunidades, com os problemas de ordem local e global, não numa perspectiva somente noticiosa, mas uma chamada de atenção, e um envolvimento mais directo de vozes que não tem eco, em grandes plataformas.

Artigos e reportagens de investigação, onde se prevalece a profundidade e dá-se tempo para construir algo consciente, com uma responsabilidade social e cívica para com o cidadão. Não descurando a secção opinião, por exemplo, esta é super relevante, mas por vezes, no contexto dos media mainstream tradicionais, dá a ideia de que ainda assim é um meio um pouco fechado, quando a ideia deve ser precisamente o contrário, é uma visão única particular sobre uma questão.

No entanto, tem-se assistido já à “infiltração” de membros ativistas nos media mainstream, como é o caso de João Camargo do *Climáximo*, que escreve para o PÚBLICO e

⁴⁵- In entrevista, disponível em: <https://www.omanifesto.pt/blog/entrevista-matthew-delayed>, 20/09/2018.

para o Expresso, onde evidencia claramente a sua luta pelo ambiente, influenciando consecutivamente a opinião pública.

Este novo modelo, que não significa criar um novo paradigma de se fazer jornalismo, é antes um gesto do foro activista, onde se apela a questões emergentes e urgentes, as quais precisam mais do que nunca, de acção directa do público, para que ocorram mudanças positiva, onde o espaço de opinião seja mais aberto, e consiga dar voz a estes colectivos, às causas, a organizações sem fins lucrativos de diferentes lutas. Criar discussão, debate, informar o público sobre assuntos que muitas vezes ficam-se pela sombra, oferecer soluções, incentivar as autoridades a tomarem medidas não corrosivas, mas, conscientes para o bem público. A noção de repórteres nativos, que são ativistas que escrevem de uma posição de marginalização, de forma a atrair poder para determinados movimentos sociais. Para além da lógica corporativa da imprensa mainstream, criar espaço para meios de comunicação de pequena escala que expressam uma visão alternativa à visão hegemónica do poder.

Segundo uma entrevista que o jornal Económico realizou há tempos com a fundadora da livraria - Manifesto - em Matosinhos, Porto, acerca da “importância do jornalismo lento como impulsionador do pensamento crítico sobre o que nos rodeia”, Inês Catarina Pinto, criadora do projecto, diz que, “falar em *slow journalism* é apelar à valorização da informação como conhecimento. As redes sociais podem ter criado a falsa ideia de estarmos constantemente informados, mas, na verdade, estamos só a ler notas de rodapé, histórias com manchetes, mas sem corpo de texto. Isto fornece-nos uma visão demasiado limitada do mundo. Sabemos tudo e, ao mesmo tempo, quase nada. O que não significa que o *slow journalism* seja um substituto das notícias de última hora, nem que todos os acontecimentos mereçam meses de investigação. É tudo uma questão de ponderação. Há momentos em que um parágrafo pode ser suficiente, mas é importante não nos esquecermos de que há uma história inteira por trás que ainda não conhecemos. A revista ‘Delayed Gratification’ por exemplo, nasce deste conceito, dando continuidade às notícias que já esquecemos”, responde a coordenadora do Manifesto ao Económico.

Quando questionada acerca da escassez de oferta na área do panorama jornalístico português, Inês argumenta que, “o panorama jornalístico português poderia beneficiar de mais oferta na área do *slow journalism*. Não sendo um substituto das notícias diárias, o

jornalismo de investigação é um complemento que nos permite compreender melhor o desenvolver de um acontecimento e as suas consequências”, afirma.

“Queremos mostrar que há outras formas de encarar o jornalismo que vão além da pressão de informar mais rápido e em maior quantidade”, conclui.⁴⁶

É esta ideia de cidadania global, que remete aqui para o desejo de introduzir uma certa ruptura no decurso normativo das coisas. No fundo, a luta por um futuro menos nublado, onde o acto jornalístico pode fazer a diferença. Em termos de sustentabilidade, e como poderia este tipo de jornalismo sobreviver, a ideia sugerida, prende-se com, a publicação (online ou em papel) ser suportada, sustentada pelos próprios subscritores, dispensando qualquer fundo monetário provido de grandes corporações, instituições ou do sistema governamental.

Seria uma prática de jornalismo transparente, criativa, com uma multiplicidade de perspectivas, reflexivo e preocupado.

Concluindo com uma ideia que assenta no conceito de intercriatividade, Tim Berners-Lee, criador do World Wide Web, diz-nos: “nós devemos estar aptos não apenas a encontrar qualquer tipo de documento na Internet, mas também, criar qualquer tipo de documento, facilmente. Nós devemos estar aptos não apenas a seguir links, mas criá-los por entre todos os tipos de media. Nós devemos estar aptos, não apenas a interagir com outras pessoas, mas criar com outras pessoas. Intercriatividade é o processo de fazer coisas ou resolver problemas, juntos,”⁴⁷

Parte IV - Ativismo nos media. Traços de Ativismo em Portugal

4.1 - Significado do conceito “ativismo”

Quando se fala em sensibilidade dos media para as questões culturais, não se trata apenas de dar mais espaço para tratar, falar, escrever, pensar, reflectir sobre cultura, como também, tentar divulgar em maior escala, o trabalho de artistas ativistas. Em Portugal, os casos mais conhecidos são o Bordalo II, Vhils e o Miguel Januário (+-), podendo existir

⁴⁶ - In: <https://jornaleconomico.sapo.pt/noticias/a-importancia-do-jornalismo-lento-como-impulsionador-do-pensamento-critico-sobre-o-que-nos-rodeia-357057> ;

⁴⁷ Id. “Global Activism: art and conflict in the 21st century”, p. 378.

outros exemplos, que não são tão conhecidos ao grande público. É importante que estes trabalhos sejam também objeto e peça noticiosa, não só em forma de divulgação, mas o facto de conceder um espaço substancial a temáticas deste cariz, revela-se a meu ver, uma função primordial dos media actualmente. Em Janeiro de 2019, foi inaugurada em Paris, uma exposição-manifesto do artista português, Bordalo II, notícia que foi pouco explorada pelos meios de comunicação social portugueses, destacando-se uma entrevista de longa duração, levada a cabo pelo Observador.

A exposição tem uma premissa simples, mas complexa, sobre, “a devastação da natureza pela sociedade de consumo”, a qual revela interesse e preocupações a nível ecológico por parte do artista.

Um exemplo de ativismo, um dos raros exemplos de ativismo vindo de Portugal, que em poucas palavras, explica o que significa fazer arte por uma causa ou com um propósito, o qual diz na entrevista que, “a arte é livre, não deve ser condicionada por motivações políticas ou sociais, **mas para mim a arte ganha bastante se não for superficial e tiver alguma presença ativa na vida das pessoas.**”⁴⁸

Mas o que é se entende por este conceito, tão pouco explorado em Portugal, por artistas portugueses? Pelos media portugueses? Assistimos a uma produção desenfreada de arte em Portugal, mas que funciona numa lógica de galeria, de desejo de internacionalização, de uma agenda de exposições recheada, que invade tantos os espaços institucionais como os museus, e as galerias espalhadas por Lisboa, assim como o aparecimento do fenómeno de feira de arte, com a Arco, que marcou presença na capital portuguesa, no passado mês de Maio de 2018 e foi notícia de vários media portugueses, incluindo o Público. Neste sentido, a maior parte de oferta artística que se pode observar neste tipo de eventos, é ligado à arte contemporânea, no seu sentido mais lato, ficando de fora na maior parte das vezes, artistas e obras de cariz intervencionista. Em Portugal, são raros os exemplos de exposições que expõem esse lado da “arte social” por assim dizer. Mas quais são os princípios básicos deste conceito de ativismo artístico? Segundo uma pesquisa que nos deu a conhecer o *The Center For Artistic Activism* em Nova Iorque, retiramos alguns pontos considerados fundamentais para a compreensão de tal manifestação artística e criativa, de acordo com o seu manifesto:

⁴⁸ - In: <https://observador.pt/2019/01/25/bordalo-ii-chegou-a-paris-com-uma-exposicao-manifesto-a-arte-pode-mudar-uma-geracao-inteira/>; 25/01/2019.

Primeiro ponto, o ativismo artístico é uma prática dinâmica, a qual combina o poder criativo das artes que nos move emocionalmente com o planeamento estratégico do activismo, factor necessário para a mudança social.

O ativismo é uma actividade que desafia e as relações de poder, sendo que o seu objectivo é uma ação que crie efeito. No que toca à arte, o seu valor baseia-se em fornecer ao público, perspectiva e novas maneiras de olhar para o mundo, normalmente, a “boa arte” sempre exerce algum efeito em nós, move-nos, o seu objectivo é precisamente estimular uma espécie de sentimento no público, alterar a nossa percepção. A arte gera afecto.

O activismo move o mundo material, enquanto que a arte move o coração, o corpo e a alma. A mudança social não acontece simplesmente, acontece somente quando as pessoas decidem fazer a diferença, provocar a mudança. Somos movidos pelas experiências afetivas para fazermos ações físicas, as quais resultam em efeitos concretos: afecto leva a efeito. O ativismo artístico é uma prática destinada a gerar *aefeito*: experiências emocionalmente ressonantes que levam a mudanças mensuráveis no poder. Segundo ponto, o cenário político é também o cenário cultural, sendo que o primeiro pode sempre ser um terreno para trabalhar sobre. Enquanto que a arte tende a ser limitada a museus e galerias e o activismo às demonstrações de rua, o ativismo artístico pode ser praticado em praças públicas e centros comerciais, assim como em billboards ou pelas redes sociais. O ativismo artístico como uma imagem efectiva, uma performance ou experiência, enquadra-se nesta idade do smartphone, das suas câmaras e redes como o Facebook, pois o público tem tendência a partilhar coisas que os movem.

Terceiro ponto, o activismo artístico tem vindo a ser usado por toda a história. No decurso do tempo, esta prática aliada às artes e ao mesmo tempo a campanhas pela mudança social, faz uso de uma abordagem estética, a qual fornece uma perspectiva crítica do mundo. Exemplos como a Rosa Parks num autocarro segregado ou o Dr. Martin Luther King, apelidado como um “génio para a dramaturgia estratégica”. Quarto ponto, o ativismo artístico é ativismo que não parece ativismo e arte que não parece arte. A habilidade inerente a esta prática para nos surpreender ou fazer uso de formas pouco usuais, fornece uma oportunidade para romper com noções pré-concebidas das pessoas acerca de arte e de protesto, e as suas ideias pré-determinadas sobre as mensagens que estes criativos tentam comunicar. A habilidade do ativismo artístico para escapar a uma categorização fácil, é um benefício nas sociedades onde o protesto é comum. Enquanto que formas tradicionais de protesto como,

marchas, a necessidade para aumentar em tamanho e alcance, ou por vezes descer para a violência para ficar reconhecido, a inovação criativa de um artista ativista oferece algo incomum, que pode atrair mais atenção.

Assim como, este modo de protesto pela via da arte, trabalha igualmente bem em regimes repressivos, onde o protesto político “evidente” é proibido, mas as práticas artísticas são toleradas, pois o ativismo artístico não é identificado como política para as autoridades responsáveis, para o regime, pelo que é possível comunicar, transmitir, uma “mensagem social” para o público.

Quinto ponto, a cultura, como algo familiar, pode funcionar como um ponto de acesso através do qual os organizadores têm a oportunidade de envolver as pessoas, que, caso contrário, estão alienadas de sistemas institucionais de voto, campanha política, legislação, pressão política. Ao contrário das belas artes ou da política, o ativismo artístico não precisa de conhecimento especializado para um público perceber a mensagem. Porque, como mesma prática atravessa limites, não só cria vários pontos de acesso para criadores e públicos, como também, para os próprios meios de comunicação em massa, os quais podem cobrir os eventos em ambas seções artística e política.

Sexto ponto, o processo criativo do ativismo artístico encoraja-nos a dar conta, reflectir e estar aberto a novas possibilidades a nível criativo e político, isto porque o propósito desta prática pode reanimar as organizações culturais “mortas”, como os museus, galerias, etc. No fundo a base para a prática do ativismo artístico é a cultura, vem da cultura, cria cultura e tem um impacto na cultura, prende-se com criar e sustentar uma mudança que perdure, a qual obriga a uma mesma mudança nos valores, crenças e padrões de comportamento, levando a mudança cultural. Para isso, os problemas têm de ressonar com as pessoas, daí esta prática fazer uso dos dois mundos. Um artista ativista pode criar uma imagem que leva o público a repensar como olhar para a realidade, ou encenar uma performance para esse mesmo fim, criando um artefacto que prefigura já uma alternativa.

Isto porque, a arte é um meio pelo qual se imagina o inimaginável, e a prática do ativismo artístico pode ser um meio, um *medium* que sugere uma possibilidade. Pelo som, imagem e movimento, esta nova forma de arte, pode evocar uma visão do que o futuro pode ser. A arte oferece-nos a visão, o ativismo ajuda-nos a construir a estrada para lá chegarmos. A base desta prática, tem como objectivo persuadir ao criar experiências que comovem e que levem as pessoas a pensar, questionar o mundo no seu estado actual, por actos não-violentos,

pacíficos, destinado a corações e não a corpos e edifícios, ao mesmo tempo que levam a imaginar como o mundo poderia ser melhor.⁴⁹

4.2 - Ativismo nos media internacionais

Internacionalmente falando, como exemplos de projectos de uma imprensa de carácter intervencionista, da zine à revista, convém sublinhar os seguintes exemplos: *Adbusters*, *hate zine*, *PANTA Magazine* e a *The Earth Issue*. Ao falarmos de uma imprensa de carácter intervencionista, produzida fora dos limites territoriais nacionais, que por norma têm uma periodicidade que bimensal, trimestral ou até anual, convém perceber de que tipo de imprensa é que estamos a falar. Por norma, independente, alternativa, com conteúdos variados. Aqui, quis-me focar numa imprensa que é preocupada, que é de certa forma, ativista, no campo das artes, no campo da cultura criativa, que nos leva ao conceito de ativismo. O ativismo, é a variedade de maneiras de utilizar meios artísticos para intervir em processos socialmente relevantes, referindo-se à interface da arte e ativismo no sentido de se distanciar da noção, “arte por arte”. A Internet, vista como facilitadora destes processos, pela via da distribuição online e visibilidade de tais fenómenos, define-se como “a nova arena de acção.”⁵⁰ Ideia que, abre espaço para a criação de uma série de publicações, entre elas, vamos dedicar um espaço à *Adbusters*, *hate zine*, *PANTA Magazine* e por último, à *The Earth Issue*.

A primeira publicação, **Adbusters**, é fruto da organização sem fins lucrativos, *Adbusters Media Foundation*, crítica do consumo com base em Vancouver, Canadá.

Fundada em 1989 por Kalle Lasn e Bill Schmalz, define-se como uma rede global de artistas, ativistas, escritores, estudantes, educadores, designers, poetas, músicos que querem avançar um novo movimento social activista na era da informação.⁵¹ Produz mensagens críticas à sociedade capitalista, e por forma de significados subversivos, tem como um dos seus alvos, o ataque à propaganda das grandes corporações, assim como ao sistema político, especificamente dos EUA, e figuras como Donald Trump. Também, faz uso de campanhas, como a *Buy Nothing Day*, de forma a que haja um dia sem qualquer consumo por parte do grande público. (Ver imagem 1 in Anexos)

⁴⁹ - In: <https://c4aa.org/2018/04/why-artistic-activism/>;

⁵⁰ - WEIBEL, Peter: “Global Activism: Art and Conflict in the 21st Century”. The MIT Press, 2015, p. 55.

⁵¹ - Ibidem, p. 132;

Segue-se a **hate zine**, nascida em Londres (Reino Unido), é um tipo de projecto feito a uma escala menor do que a anterior, mas que pela via da arte faz uma abordagem a problemáticas sociais, e fá-lo de maneira provocadora⁵². Pela estética, dão ênfase a questões de género, alterações climáticas, de política, saúde mental. (Ver imagem 2 in Anexos)

Depois, cabe apresentar um projecto editorial, com base no conceito de ativismo, já descrito acima, que é a **PANTA Magazine**. Com base actual em Berlim (Alemanha), “expõe o trabalho de artistas emergentes, focando-se em iniciativas artísticas e culturais que têm o poder de enfrentar questões sociais, culturais e ambientais. Ser uma plataforma que apoia projectos de criativos, que tentam ter um impacto positivo na sociedade.”⁵³ Um projecto igualmente consciente, que encontra pelo meio da confrontação artística, algo que alia a experiência política e a criação estética, como formas contemporâneas de acção colectiva.

Por último, cabe apresentar a revista independente, nascida em Londres (Reino Unido), **The Earth Issue**, que é somente concentrada na intersecção entre arte e ambientalismo. Usa a imagem, pela via de trabalhos de diferentes artistas, normalmente também em forma de entrevista e texto, para de certa forma propagar activismo a nível do ambiente. Querendo acima de tudo, inspirar a mudança social.⁵⁴

4.3 - Testemunhos de Miguel Januário (ativista) e de Stephen Duncombe (fundador do Centro de Ativismo Artístico em Nova Iorque) e as suas noções entre os media e ativismo

Este trabalho em questão, solicitou também o contributo de um artista ativista português, Miguel Januário (+-) e, do professor e fundador do Centro de Activismo Artístico em Nova Iorque, Stephen Duncombe, como pensadores e praticantes deste tipo de questões, tendo-lhes sido feitas algumas questões que abordam a temática da ligação entre os media e o activismo artístico. A entrevista ao primeiro interveniente foi realizada dia 18 de Dezembro de 2018, e ao segundo, no dia 17 de Dezembro de 2018.

⁵²- In entrevista, Office Magazine, disponível aqui: <http://officemagazine.net/here-hate-zine>, 28/08/2017;

⁵³- Disponível em: <https://www.pantamagazine.com/about/>;

⁵⁴- Disponível em: <https://www.theearthissue.com/aboutus>

Começando por Miguel, **de que forma, práticas como o activismo artístico (e outras) pode beneficiar da sua ligação com os media? Sabe-se que os media alternativos têm mais essa incidência, mas e os mainstream?** “Penso que os benefícios passam pela difusão do trabalho e, desse modo, chegar a mais pessoas. Os media em geral estão mais sensibilizados hoje para este tipo de trabalho e quanto mais reconhecido é esse trabalho, também mais genérica é a sua proliferação nos diversos media.”

2. Do teu ponto de vista, tendo em conta o panorama do jornalismo cultural em Portugal, consegues ver essa "sensibilidade" ou "urgência" em abordar temáticas urgentes da cultura, no Ípsilon por exemplo? (activismos artísticos, *art with a cause*, *art with a purpose*, feminismos, causas ambientais, etc) Por exemplo, tendo em conta o teu último trabalho do partido político.

“Sim, hoje existe mais trabalho artístico e político e mais interesse pelo mesmo, por isso é dada uma maior atenção. Talvez também pelos tempos que vivemos, mais urgentes, com mais gente a dedicar-se a estas temáticas, novas causas, etc, mas sem deixar de reflectir os tempos paradoxais em que vivemos: se por um lado há a necessidade de relação com este tipo de trabalho, há também uma aproximação da cultura de massas, do entretenimento e do espectáculo por parte deste tipo de abordagem artística e, como tal, isso também contribui mais para a sua instrumentalização e normalização. A intervenção artística é muitas vezes capitalizada pelo próprio sistema, integrando-o e muitas vezes transformando-se em produto, deixando assim a sua génese interventiva e tornando-se no próprio espectáculo.”

3. E a cena do ativismo artístico em Portugal - existe?

“Existe, mas penso que é realizado muitas vezes em nichos muito específicos e por vezes elitistas, ou são anónimos, com impacto mais local. Há grupos interessantes a fazer intervenção política, ao nível do graffiti/street art, da impressão gráfica, teatro, cinema e vídeo, música, etc. Parece-me é que, tal como referi na resposta anterior, muito desse trabalho se normalizou ou então ganha protagonismo e acaba por se esfumar na confusão do hoje e da paisagem do consumo.”

4. Para finalizar, de que forma pode um A(r)tivista avaliar resultados tangíveis do seu trabalho?

“Passa precisamente por conteúdos gerados nos media, pelo interesse e atenção dada, mas também pelas redes sociais - hoje talvez seja este o espaço de contacto mais privilegiado e imediato para medir resultados. O contacto directo com as pessoas também é uma boa forma de avaliar e perceber esses resultados.”

Segundo o testemunho do artista e activista, Miguel Januário, este diz-nos que essa sensibilidade existe, aliás, começa a ganhar espaço na arena mainstream, e que os próprios meios de comunicação que geram os conteúdos, contribuem para o reconhecimento de autores e práticas culturais, de cunho intervencionista. Do outro lado do globo, mais precisamente, diretamente dos Estados Unidos da América, recolhemos o parecer sobre estas questões, entre os media e a sua cobertura para tópicos artivistas, do professor e director do Centro para Activismo Artístico em Nova Iorque. Optei por manter a entrevista em inglês, e não recorrer à tradução, de forma a que o depoimento do entrevistado se mantivesse na sua forma original.

1. In relation to media outlets (mainstream and alternative), in which ways do you think these outlets can have a crucial role and even change the order of the things for the better, if they adopt this idea of being a kind of walking stick for artistic activism? From your context, point of view, experience in the field of artivism, tell me your thoughts on this connection between artivism and media.

“Artivism depends upon the mass media to get the word out past the immediate group of people affected by the activist action. In other words: it functions as publicity. The danger is that the needs of media, especially for the novel or the sensational, are not always in line with the intended message or ideal form of the activist action. In addition, the type of engagement with an audience with traditional mass media, is that of spectatorship, whereas some of the best forms of artivism try and engender more active participation, modeling though their action the type of active citizenry that is the political intent.”

2. "Protest marches and mass rallies were powerful innovations, today they are routine", wouldn't you agree these activism mechanisms lead to tangible results, when

it comes to social change, rather than being outdated forms of doing activism? This idea that when there's a human collective putting social pressure, mass protests, etc.

“I used to organize large protest marches and rallies and they do have an impact -- but that impact has diminishing returns over time and the emphasis is on making the next one bigger, or more violent, in order to become something noteworthy. For me its a matter of resources: where are you going to get the most bang for your buck, trying to mobilize 100,000 people for a protest?

Or working with 50 people on some sort of creative action that will generate more publicity and, if done well, will also present a vision of what we are fighting for and not merely against.”

3. Again, according to the Center for Artistic Activism manifesto, "artistic activism generates fun and pleasure rather than sacrifice and guilt". Don't this affirmation moves away from the real practice of activism? It kinda like paints a black scenery for the old ways and a colorful one for the "new" ways.

“Too much activism -- in the US at least -- is portrayed in terms of sacrifice and hard work and dedicating your whole life to the cause. If this is true, then activism will only appeal to a very small minority of people: masochists of one form or another. It also turns the activism back on the activist: how much THEY sacrifice and how much THEY suffer. It's perversely selfish. If we want activism to be widespread then it has to be enjoyable, as well as effective.”

4. When would you place the beginning of artivism? Time, place and work.

“Jesus of Nazareth: Creating performances like sitting down to dinner with lepers, tax-collectors, sex-workers, and poor people as a way to create a vision in the here and now of the world that he was promising for the future where the First Shall be last, and the last first. See: <https://c4aa.org/2017/04/what-would-jesus-do-as-a-creative-activist/> As well as Moses and Muhammad work, too.”

Conclusões Finais

Em jeito de conclusão, penso que com este trabalho alcancei os objetivos iniciais a que me tinha proposto. Tentei compactar em cada uma das partes, a informação que achei mais relevante colocar neste mesmo Relatório de Estágio, a nível de experiência prática, como também a nível do meu pensamento, e das ideias que fui desenvolvendo ao longo deste tempo, acompanhado por diversas leituras, de livros, artigos, realização de entrevistas, como o acesso a vídeos educadores, e a própria consulta e consumo de revistas independentes.

Aproveito ainda para sublinhar o objectivo deste trabalho, que é, pensar num modelo alternativo de produzir conteúdos e notícias, a nível da cultura, do activismo artístico, onde a cultura seja mais do que entretenimento e agenda, mas que possa exercer um impacto na comunidade.

Penso que durante toda a pesquisa e consequente escrita deste relatório, tentei sempre contrapor algumas realidades que acho importantes, demarcar as suas diferenças, oferecer suporte teórico, e refletir criticamente sobre uma possibilidade para o exercício de uma prática de jornalismo mais próximo dos problemas emergentes, das questões urgentes da cultura.

Anexos

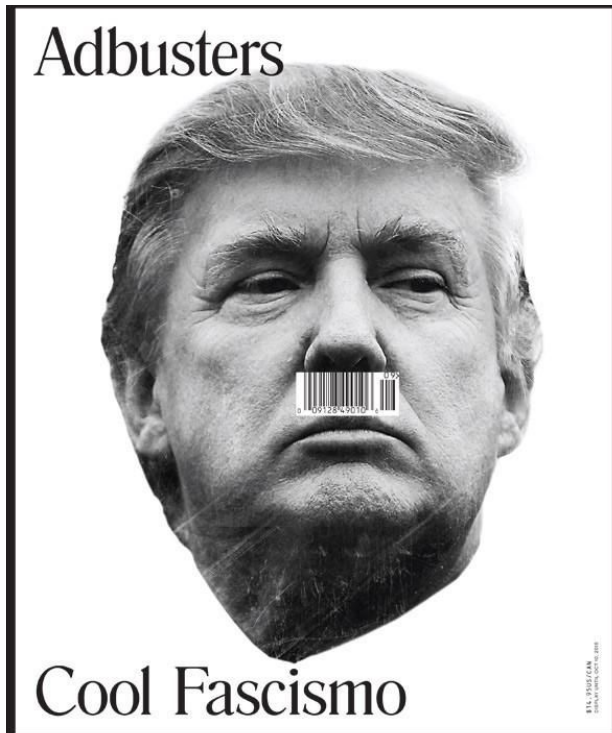


Imagem 1. Número: AB127: The Year of Living Dangerously Pt. 4, Revista Adbusters, Setembro/Outubro 2016.



Imagem 2. Número 4: hate zine.



Imagem 4. Número 2, da

revista, The Earth Issue. Fevereiro de 2018.

Referências Bibliográficas

1. MIRANDA, Bragança de José, MAGALHÃES, Marina: Artigo - “Democracia e comunicação nas redes sociais digitais: o net-ativismo para além da participação política”. **PAULUS: Revista de Comunicação da FAPCOM**, 2018;
2. JURIS, Jeffrey: “The new digital media and activist networking within anti-corporate globalization movements”, *The ANNALS of the American Academy of Political and Social Science*, 2005;
3. WEIBEL, Peter: “Global Activism: art and conflict in the 21st century”, The MIT Press: 2015;
4. JONG de Wilma, SHAW Martin, STAMMERS Neil: “Global Activism, Global Media”. Londres: Pluto Press, 2005;
5. ATTON, Chris: “Independent Media”. SAGE, 2002;
6. **Julia Ruiz Di Giovanni**, « Artes de abrir espaço. Apontamentos para a análise de práticas em trânsito entre arte e ativismo », *Cadernos de Arte e Antropologia*, Vol. 4, No 2 | -1, 13-27;
7. BAPTISTA, Carla (coordenadora): “Cultura na Primeira Página: O Lugar da Cultura no Jornalismo Contemporâneo - Caderno de Reflexões”. Editora Mariposa Azul, Lisboa, 2014;
8. PIZA, Daniel (2004) - Jornalismo Cultural. Ed. 2. São Paulo: Editora Contexto;
9. CARMO, Teresa e Maia. (2006): “Evolução Portuguesa do Jornalismo Cultural”;
10. RAMOND, Viviane; LOURENÇO, Eduardo (pref.). *A revista Vértice e o neo-realismo português*. Coimbra: Angelus Novus, 2008;
11. SANTOS, Dora Silva: “Tendências para o jornalismo cultural”, 2009;
12. MOTA, A. 1986, "Jornalismo Cultural: o avatar e o voto". Actas do II Encontro Afro-Luso-Brasileiro: Lisboa;
13. AZEVEDO, Celiana: O que mudou no Jornalismo Cultural no Diário de Notícias entre os anos 2000 e 2010?”. II Congresso Anual de História Contemporânea. Universidade de Évora, 2013.